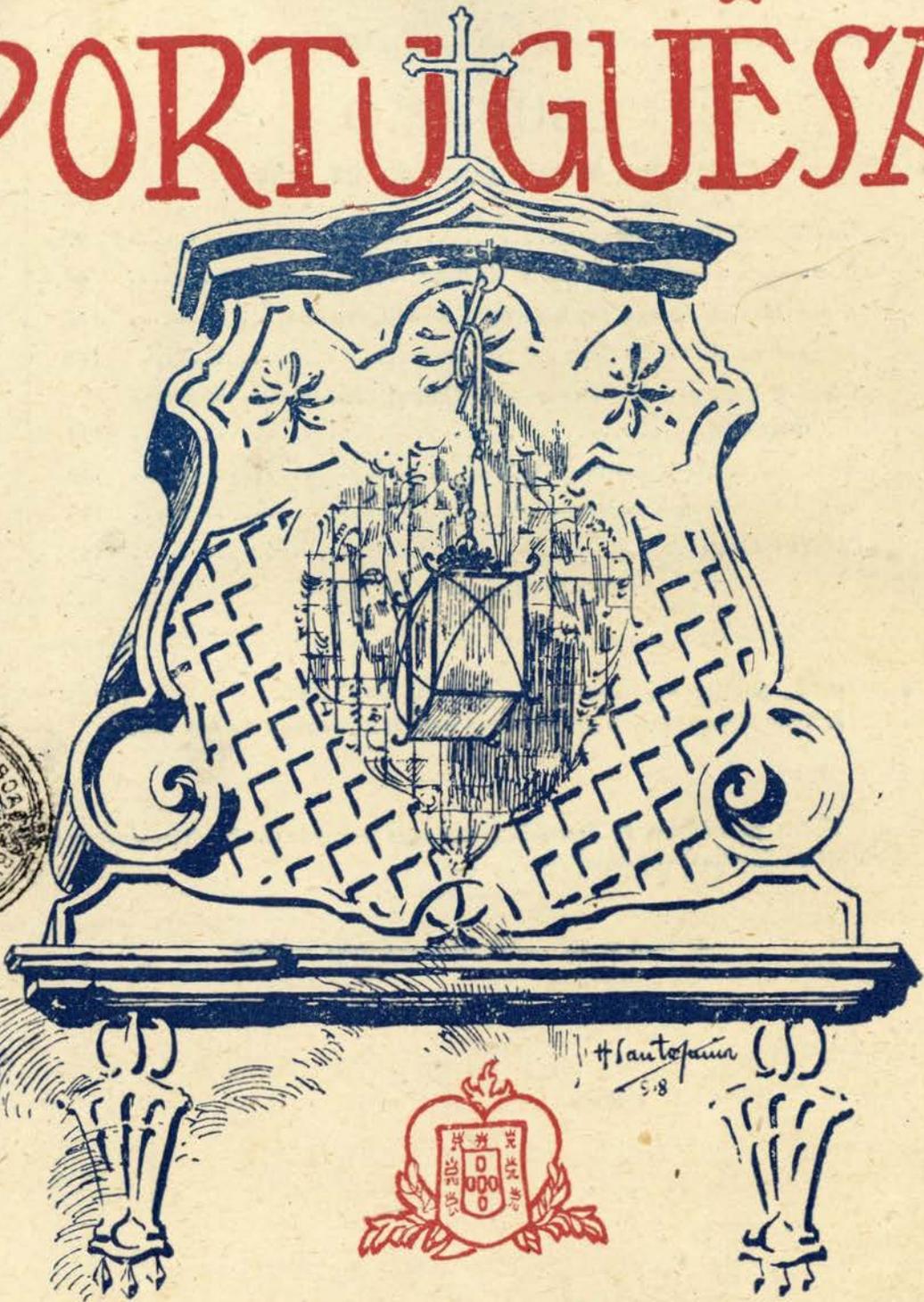


TERRA PORTUGUÊSA



#Lautopain
518

REVISTA ILUSTRADA
DE ARQUEOLOGIA ARTÍSTICA E ETNOGRAFIA

MCMXXII

SUMÁRIO

N.^{os} 31-32 - JANEIRO DE 1922

	Pag.
Uma Portaria de Louvor	97
O comunalismo na Serra — <i>Tude M. de Sousa</i>	98
A porcelana em Portugal (continuação) — <i>D. José Pessanha</i>	101
A capucha — <i>José Julio Cesar</i>	110
Casas de Portugal — III — Oeiras — <i>José Queiroz</i> (com desenhos de Antonio Quaresma)	113
Notas — a) O rito bracarense — <i>S. P.</i>	109
— b) Julio de Castilho — <i>J. P.</i>	126
Cronica — Livros	127

Capa de Henrique Santos Junior.

Só se publica a colaboração solicitada «por nós».

A Terra Portuguesa só permuta com publicações da sua índole.

— — — — —
Todos os pedidos de fascículos, volumes e capas da Revista, devem ser dirigidos à Livraria Ferin, Lisboa.

— — — — —
Preço d'este numero: 2\$00

ABR 1957

TERRA PORTUGUESA

DIRECTOR LITERARIO: VERGILIO CORREIA	REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO Rua da Estrela, 61	EDITOR E PROPRIETARIO: D. SEBASTIÃO PESSANHA
JANEIRO DE 1922	Comp. e imp. na Typ. do Anuario Commercial Praça dos Restauradores, 24 LISBOA	N. ^{os} 31-32



«TERRA PORTUGUESA»

Uma Portaria de Louvor

TENDO a revista ilustrada *Terra Portuguesa*, repositório muito valioso de trabalhos de arqueologia (pre-histórica, clássica e moderna) monumental e artística, de etnografia (portuguesa e comparada), e de arte (geral e decorativa) completado com o seu n.º 3o, ora publicado, três anos de existência;

Tendo nesse espaço de tempo contribuído eficazmente para o desenvolvimento dos estudos da sua especialidade, inserindo importantes trabalhos inéditos dos mais distintos arqueólogos e etnógrafos portugueses e estrangeiros:

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro da Instrução Pública, que seja considerada de utilidade pública a revista ilustrada *Terra Portuguesa* e seja dado público testemunho de louvor ao Dr. Vergílio Correia e D. Sebastião Pessanha, respectivamente director literário e proprietário da referida revista, bem como aos seus colaboradores nacionais e estrangeiros.

Paços do Governo da República, 5 de Agosto de 1919. — O Ministro da Instrução Pública, *Joaquim José de Oliveira*.

O COMUNALISMO NA SERRA



ARAMENTE se encontrarão ainda sobrevivências do velho regimen communalista em que noutros tempos uma boa parte de povoados se integravam para a pratica de serviços reciprocamente prestados no interesse individual e colectivo e em que reciprocamente obedeciam a regras, e preceitos de longe estabelecidos, para a regulamentação de uma especial vida juridica por eles criada e que todos religiosamente cumpriam.

A civilização e o progresso das ideias e milhares de outras circunstancias teem vindo a desmoronar rapidamente aqui e acolá, mais vagarosamente noutras partes, todas essas tradições, que hoje, embora muito esbatidas, se vão desencantar ainda no interior da montanha, entre gentes rudemente acantonadas nos seus pequenos e pouco accessiveis agrupados.

Já na *Portugalia* (Tomo II, fasciculos 3 e 4 — 1907 e 1908) fizemos o estudo do regimen pastoril dos povos da serra do Gerez, publicando então os regulamentos seculares, completamente inéditos, por onde se regiam e se regem ainda em muito a maioria daqueles povos, bem como publicamos mais tarde (1) umas ligeiras notas sobre aspectos agricolas, pecuarios, e sociaes da região de Barroso, a terra alta de Portugal.

Vamos hoje, nesta ordem de assuntos sobremaneira interessantes, reproduzir aqui as notas que encontramos em uns apontamentos manuscritos que pertenceram ao falecido Padre Sebastião Pires de Freitas, um velho amigo, natural de Covide, nas abas da serra do Gerez, e que foi um dos maiores apaixonados das suas montanhas, caçador intemerato e conhecedor da serra até aos mais escondidos recantos.

São, como seguem essas notas:

«Os poderes que em outro tempo tinha o juiz da vintena, escolhido pelos mesmos povos da freguezia para fazer executar e cumprir os usos e costumes por onde se governavam paroquialmente, passaram para o regedor, e, este é presentemente quem zela e faz executar todas as atribuições daquele.

O regedor chama e convida para a junta por um dos seus cabos todas as cabeças de casal, quer sejam homens, quer mulheres. A junta faz-se sempre em um lugar determinado e escolhido de proposito para esse fim. Em Covide é no local chamado a Carreira, um largo ao centro do lugar.

Ali, na Carreira, ao ar livre é que os povos da freguezia fazem as suas juntas, as suas sessões publicas, verdadeiramente democraticas, o seu senado, o seu parlamento, e ali discutem, fazem leis puramente paroquiaes, impoem penas e multas e dão força ao regedor para fazer cumprir as suas decisões.

(1) O *Primeiro de Janeiro* de 6, 11 e 13 de Dezembro de 1914.

O COMUNALISMO NA SERRA

Tem direito de representação nesta assembleia todos os representantes do casal, assim como pode assistir na qualidade de espectador toda e qualquer pessoa, á semelhança das galerias nos parlamentos modernos. Cada um dos representantes pode propor melhoramentos locais e reformas; combater abusos e denúncias falsas, e pugnar pelo cumprimento restrito dos usos e costumes da freguezia e de utilidade publica. Pode combater propostas ruinosas e prejudiciaes aos interesses da freguezia e votar contra elas. Ali tudo é decidido depois de bem discutido com a maior liberdade e independencia por maioria de votos nominaes. As mulheres representantes do casal tem voto e eguais direitos aos dos homens. O regedor condena a representante que sendo chamada para a junta não compareça.

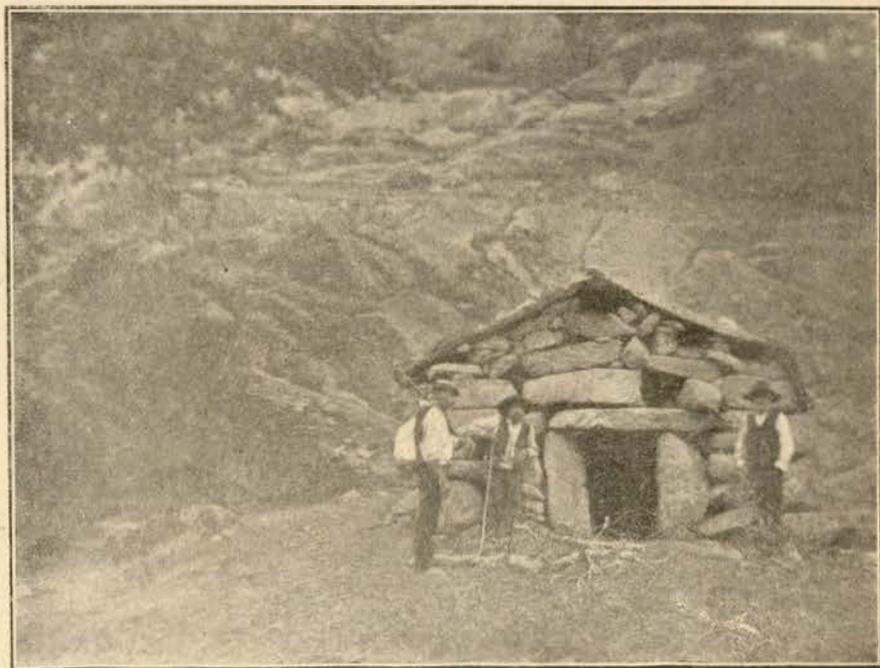
Na junta se assenta tudo quanto se ha-de fazer em relação aos uzos e costumes porque a freguezia se governa socialmente entre si.

E' uso e costume fazerem-se os caminhos publicos e de utilidade da freguezia? Fazem-se. E' uso e costume concertar e limpar as levadas da agua de cima e de baixo? Marca-se dia, concertam-se e limpam-se. E' de uso e costume concertar e preparar os fornos, as cabanas para as vigias dos gados se recolherem durante a noite, guardando os mesmos gados nos montes de Lamas? Marca-se o dia e concertam-se. E' uso e costume marcar-se dia para entregar os gados á vezeira em Lamas? Marca-se e entrega-se. E' uso e costume marcar-se dia para fazer as segadas de todos os moradores em um dia? Marca-se e fazem-se. E' preciso apurar-se algum dinheiro como receita para as despezas da freguezia? Marca-se dia para fazer carvão, faz-se, e todos entregam a parte que lhe tocou na repartição.

Todos estes usos e costumes, que já veem de tempos antiquissimos, são postos em execução pelo grande parlamento, pela democratica junta.

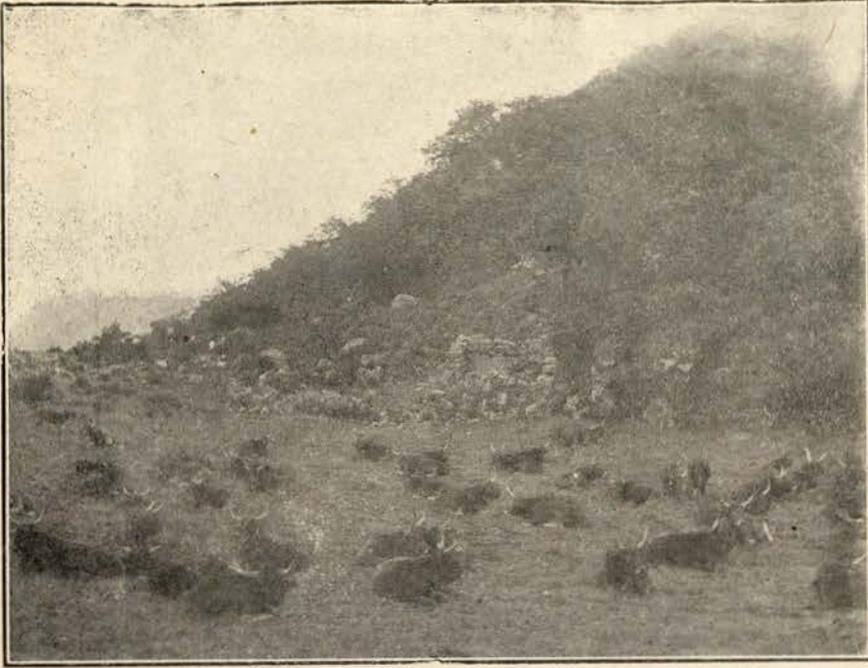
Ali discute-se. Ali combate-se. Ali todos tem direito de falar. Ali ha liberdade completa e discussão ampla e por ultimo votação vocal sem acanhamento nem respeitos humanos ou receios.

Por ali podiam modelar-se os parlamentos de nossos dias; pois, pelo que



NO GEREZ — FORNO DE ABRIGO DOS PASTORES

O COMUNALISMO NA SERRA



NO GEREZ — O GADO NA «VEZEIRA»

fazem e praticam, se podiam envergonhar, portando-se pela forma como praticam aqueles povos incultos e sem illustração, pondo em pratica as formas governativas e mais democraticas da sua assembleia parochial, tão independente e tão popular.

Ainda me lembro com decidida saudade e verdadeira admiração dos ve-

lhos tempos aonde figuravam como leais e genuinos defensores dos costumes e usos da freguezia os nomes dum Pires de Sá; do Dias de Sá; do casa Nova; do Silva e do Gonçalo; do Antonio da Graça; do João do Teotonio; do José do Passadiço; dos Fijacos; dos Barrosos; dos Andrés; do Domingos do Bento; dos Egrejas; e na guarda nova, como se diria hoje, do Manuel de Cosme; do Pedro do Ferreiro; do Domingos Fernandes, verdadeiros tribunos á José Estevam, e a seu modo e á gereziana.

Mais ainda. Nas grandes discussões e na divergencia de opiniões, para dar o córte a todas as questões, o regedor convida quatro ou seis dos representantes a reunirem em conselho particular para decidirem, e o que aquele conselho decidiu todos o aceitam como bom, podendo-se executar. Verdadeiro conselho de Estado.

Tal é a forma verdadeiramente parlamentar como se governam os povos da freguezia de Covide do concelho de Terras do Bouro.»

Cintra — Junho, 1919.

TUDE M. DE SOUSA.

A PORCELANA EM PORTUGAL

PRIMEIRAS TENTATIVAS

(Continuado do numero anterior)

Por outra parte, o auctor (anonymo) de um dos numerosissimos escriptos provocados pelo famoso monumento pombalino (1) refere-se desfavoravelmente a Bartholomeu da Costa na passagem seguinte, que, comquanto não diga respeito á fundição da estatua, nem ás tentativas do fundidor no campo da ceramica, e embora não contenha qualquer allusão a Drouet, vale a pena de ser aqui transcripta, porque encerra uma affirmação que envolve todos os trabalhos, toda a actividade, de Bartholomeu da Costa: — a de que foram devidas, mais a favoritismo do marquês de Pombal, do que a merecimentos reaes e provados, as valiosas recompensas que o nosso engenheiro alcançou. Eis a passagem:

«Já a este tempo se tinham fatigado os espiritos mais cultos dos officiaes engenheiros, em disputar sobre o modo de conduzir e elevar esta estatua ao logar da sua collocação, com maior facilidade, e se tinham feito muito graves despesas nos aprestos para esta execução. O mestre da fundição, que, sem alguma noção dos fundamentos daquella faculdade e sómente governado pelos dictames do seu discurso, regulados pelos da experiencia, a tinha feita não só perfeita na fôrma referida, mas estava obrigado a po-la na carreta ou zorra que se deputava para a conducção, vendo o excessivo das prevenções, a superfluidade dos gastos e o escusado das fadigas, que se faziam, e restavam fazer, para o implemento do projecto, — offereceu-se para a conduzir e elevar, com a minima parte daquelle artefacto, e com a mesma facilidade com que a havia suspender e pôr sobre a carreta.

«Porém, o marquês de Pombal, que queria fazer senhor desta acção ao capitão engenheiro de quem a tinha confiado, para o premiar, mais como válido, que como benemerito, vendo que ficava abatido, se não proseguia as suas disposições, presando em mais o augmento dêste, que evitar as superfluidades dos gastos e das operações, não acceitou a oblação e mandou proseguir as direcções do engenheiro. Elle, sim, fez esta acção para se constituir crédor da gratificação; mas o mesmo marquês viu, e foi notorio a todos os espectadores, sabios e ignorantes, que, não obstante todas as suas cogitações, inda hoje, por sua idéa, estaria a estatua firme no logar de onde a queria mover, se lhe não acudiram o mesmo mestre da fundição e o patrão-mór, auctor do engenho para a elevação. . . » (Fl. 75 e seguintes.)

Seria ainda João Drouet o mestre da fundição?

Se abriremos as *Recordações* de Jacome Rattton e lermos o capitulo que se refere á estatua equestre, deparar-se-nos-ha, com relação ao fundidor, um testemunho muito mais

(1) *Relação historica em que se refere o motivo por que se erigiu a estatua equestre de el-rei D. José o I; da formalidade com que se modelou, fundiu, reparou e festejou, té o tempo final da sua inauguração.* Escripção por um Curioso Imparcial. — Em Lisboa, na officina emanuense, anno de 1778. (Encadernada, com outras especies, no cod. n.º 607 da secção de Mss. da Bibliotheca Nacional. — Copia nitida, da epoca.)

A PORCELANA EM PORTUGAL

valioso que o precedente, porque, ao passo que ignoramos quem seja o *Curioso Imparcial*, que tão duramente trata Bartholomeu da Costa e com tanta severidade aprecia a administração pombalina, tornando-se, pois, impossível determinar, pela integral applicação das regras da critica historica, o grau da credibilidade de tal depoimento, — sabemos que era homem illustrado e consciencioso o auctor das *Recordaçoens*, livro que, com as cartas de Beckford, tão intensa luz projecta sobre o seculo XVIII em Portugal; livro que, pelas copiosas e variadissimas noticias que contém e que debalde se procuram noutra parte, constitue subsidio indispensavel para o estudo de mais de um aspecto da vida portugueza nos reinados de D. José e D. Maria I; livro, emfim, que, pelas frisantes e judiciosas reflexões do auctor, — quantas dellas perfeitamente applicaveis á actualidade! (1) — merece ler-se e facilmente consegue prender a attenção, e ganhar a confiança, do leitor. Eis o que nos diz, a proposito da fundição da estatua equestre, Jacome Ratton:

«A fundição da estatua equestre de hum só jacto foi dirigida pelo celebre fundidor do Arsenal Real do Exercicio Bartholomeo da Costa, que naquelle exercicio de fundidor chegou a ter a patente de Tenente General. Elle mesmo deo a engenhosa direcção para se tirar a estatua da cova em que fora fundida, assim como tambem para ser conduzida até junto do Pedestal, sobre o qual foi collocada pelo bem dirigido aparelho que a mestrança da ribeira das naus tinha preparado. He muito para sentir que os nomes de tantas gentes habeis, quantas se empregarão no complemento desta grande obra, fiquem para sempre no esquecimento, por se não terem publicado pela imprensa; descuido mui trivial entre os Portuguezes; e por isso morre com elles a sua fama. O contrario aconteceu em Paris com a Estatua equestre de Luiz XV; porque se publicou pela imprensa huma relação circunstanciada de todo o processo, ajuntando-se-lhe estampas, o que tudo forma hum grande Atlas, e servio de guia ao dito Bartholomeo da Costa, o qual teve tambem a felicidade de achar já no Arsenal Real do Exercicio hum forno de reverbero, e de sufficiente capacidade, construido em 1761, ou 1762, por hum francez chamado Drouet, que por ordem do Governo tinha andado pelas provincias em busca de argila refractaria até então desconhecida no Reino; pois que se usava dos tijolos ordinarios na construcção dos fornos de fundição, com o inconveniente de ser preciso hum novo forno para cada fundição. Esta argila foi descoberta junto do rio Vouga nas visinhanças de Aveiro; e alli estabeleceo o dito Drouet fornos e fabrica de tijolos refractarios, que já não existe, nem talvez nenhuma das pessoas que nisso forão empregadas, pelo muito tempo que tem decorrido. Eu mesmo mandei vir para meu uso daquelle barro, e achei que dava exactamente os mesmos resultados. Foi o dito Drouet author de muitos inventos naquelle Arsenal, como tornos para brocar, e tornear as peças horizontalmente, carros rodando sobre vigas horizontaes, e levantadas acima do chão, por meio dos quaes se tiravão as peças das covas, e se transportavão a outros lugares, de cujos inventos se aproveitou Bartholomeo da Costa, para tirar, e transportar a estatua fóra do Arsenal; mas intrigas entre Bartholomeo da Costa e o dito Drouet desgostarão este ultimo ao ponto de se retirar para Veneza.» (Pag. 307-308.)

Em face destes depoimentos, e restringindo as nossas conclusões ao objecto deste esboço historico, julgo poder affirmar-se que o descobrimento do kaolino em Portugal se deve a João Drouet, pertencendo a Bartholomeu da Costa unicamente a gloria de haver multiplicado entre nós as applicações dessa argilla, com que o seu descobridor apenas fabricára tijolos.

(1) Leia-se, por exemplo, o que elle escreve ácerca da necessidade de eliminar os logares superfluos e de simplificar os serviços do Estado; da *praga* de legistas e desembargadores; da accumulção de muitos cargos publicos na mesma pessoa; da palavra *empenho*, etc.

A PORCELANA EM PORTUGAL

Na exposição de ceramica organizada no Porto, em 1882, pela benemerita *Sociedade de Instrução*, e que deu logar a serem publicados os eruditos estudos do sr. Joaquim de Vasconcellos, que representam a primeira e já fecunda exploração nesse *novo mundo da ceramica*, que, — segundo a justa e pittoresca phrase de Jacquemart, — então era o nosso país, figurou um serviço de chá (exposto pelo sr. João da Rocha Sousa e Lima), no qual, conforme o testemunho do sr. Vasconcellos, *tudo revela a obra de um principiante*, e que este escriptor julga ser producto dos ensaios de Bartholomeu da Costa, ou das tentativas de João Manso Pereira, de que adiante falarei.

Descreve-o assim o auctorizado historiographo :

«Compõe-se de seis chavenas com seus pires, bule, leiteira, assucareiro (sem tampa), manteigueira e tijela de lavar as chavenas. Todas as peças têm a seguinte pintura, que é feita de estampilha, em dous tamanhos, conforme as dimensões das diferentes peças:

«A figura da Gloria, coroada, em um carro triumphal, puchado por dous pavões verdes (!). Na mão esquerda, sustenta um medalhão oval, que encerra dous retratos em busto; na moldura do medalhão, que é côr de rosa, lêem-se os nomes: MARIA I E (sic) PETRUS III. Com a direita, a Gloria guia os pavões, e sustenta um cetro de ouro. O carro é pintado a tinta da China, com toques de ouro, e vóa no espaço sobre nuvens azues. A Fama veste uma tunica amarella, por debaixo de um manto côr de rosa. As côres são más; não resistiram ao fogo; tudo revela ahi a obra de um principiante; o desenho é fraco, mas de modo algum mostra o estylo do desenhador oriental. Suppomos serem estas peças um resultado dos ensaios do tenente general Bartholomeu da Costa (1774). A maior parte das peças têm o monogramma J. P. X. (1) (enlaçado), em vermelho, tocado de ouro (2).»

Resultado, indiscutivelmente, dos ensaios de Bartholomeu da Costa, realizados, segundo parece, na fabrica do Rato, são as seguintes medalhas :

I — Medalha branca, em fórma de ediculo, representando o aparelho com que foi elevada da casa da fundição, e collocada no carro que a transportou até o Terreiro do Paço, a estatua equestre.

Tem no avverso, em diferentes pontos, as seguintes legendas:

SUSPENDIDA EM 20
DE MAYO DE 1775

FUNDIDA EM 15
DE OUTUBRO DE
1774 COLOCA
DA EM 26 DE
MAYO DE 1775

ABERTA COM ASISTENCIA E DESE
NHO DO INVENTOR EM 1775

(1) Noutro ponto, o sr. J. de Vasconcellos classifica de *muito hypothetica* a sua leitura deste monogramma. — *Ceramica portuguesa*, serie II (Porto, 1884), pag. 92.

(2) *Exposição de ceramica* (Porto, 1883), pag. 60.

A PORCELANA EM PORTUGAL

No reverso:

MAQUINA, COM QUE SE SUSPENDEO,
ELEVOU POR HUM ANGULO RECTO
FORA DA CAZA DA FUNDIÇÃO,
PARA SE POR NO CARRO DE TRANS
PORTE, A REAL ESTATUA EQUES
TRE DE S. MAGESTADE FIDELISSI
MA O SENHOR D. IOZE PRIMEIRO
FUNDIDA DE HUMA SO VES SEM
A MENOR FENDA EM A REAL FUN
DIÇÃO DE ART.^{RA} NA INTENDENCIA
DO THEN.^{TE} GENERAL DA ART.^{RA} DO
REINO MANOEL GOMES DE CARV.^O
E SILVA. INVENTADA PELLO BRI
GADEIRO BARTHOLOMEU DA
COSTA, O PRIMEIRO, QUE EM POR
TUGAL ACHOU PORCELANA, E DES
COBRIU ESTA NO MESMO TEMPO
EM QUE IDEAVA, E CONTINUAVA
O TRABALHO DE FUNDIR
A REAL ESTATUA

No exergo do reverso:

LISBOA
GRAVADA NO ARSENAL R DO EXERCITO. POR IOÃO DE FIGUEIREDO

Estylo portuguêz dos fins do seculo XVIII.

Larg., 6,5 cent.; alt., 71 cent.

Esta medalha, cujos exemplares de porcelana attingem actualmente elevado preço, foi tambem reproduzida em diversos metaes. Exemplares na Bibliotheca Nacional de Lisboa, no Museu Municipal do Porto, no de Artilharia, no da Academia das Sciencias, no gabinete de numismatica do paço da Ajuda, etc.

(Est. I e II n.º 1.)

II — Medalha rectangular, branca, tendo no anverso as armas reaes e esta inscripção:

LISBOA 1773

e no reverso, dentro de uma placa, a seguinte legenda:

DESCUBER
TO PELO
THEN.^E CORO
NEL BAR
THOLOMEU
DA COS
TA

A PORCELANA EM PORTUGAL

Estylo português dos fins do seculo XVIII.

Larg., 4 cent.; alt., 5,5 cent.

Exemplares no gabinete de numismatica do paço da Ajuda, no museu da Academia das Sciencias, etc.

(Est. I, n.^{os} 2 e 3.)

III — Medalha circular, tendo no anverso a estatua equestre, com esta legenda em volta:

REAL ESTATUA EQUESTRE DE S. Magestade Fidelissima D. IOZE. I.

e o seguinte no exergo:

LISBOA ANNO. 1775

No campo do reverso, dentro de um escudo, esta inscripção:

PRIMEIRA PORCELANA
ACHADA EM PORTUGAL
EM 1773. DESCUBERTA
PELO BRIGADEIRO
BARTHOLOMEU DA
COSTA NO MESMO
TEMPO EM QUE CON
TINUAVA O TRABA
LHO DE FUNDIR A RE
AL ESTATUA

e no exergo, o seguinte:

GRAVADA NO ARCENAL REAL DO EXERCITO, IOAO DE FIG.^{DO}

Estylo português dos fins do seculo XVIII.

Diametro, 8 cent.

Exemplar no gabinete de numismatica do paço da Ajuda.

(Est. III.)

IV — Pequena medalha oval, no genero das de Wedgewood, com o busto de D. Maria I, de côr branca, sobre fundo azul acinzentado ou côr de pinhão. No reverso, uma camada branca, e, em volta, a legenda seguinte:

IOÃO DE FIGUEIREDO. FECITA LISBOA ARCENAL REAL DO EXERCITO. 1782.

Apparecem exemplares sem esta coberta no reverso, e, portanto, sem a legenda. Medem, em geral, 18 mill. no diametro menor, e 25 no maior.

(Est. II. n.^o 2.)

São relativamente vulgares estes pseudo-camafeus, que, segundo Volkmar Machado, eram destinados a aneis.

A PORCELANA EM PORTUGAL

No Museu da Academia das Sciencias e no Museu Municipal do Porto, ha diversos exemplares desta medalha, que representam evidentemente (alguns, pelo menos) experiencias ou tentativas. Correspondem a cunhos differentes, porque o busto da rainha, sempre igual no desenho, varia quanto ás dimensões; e, num dos especimes, apparece emmoldurado e com as seguintes legendas em volta do busto:

MARIA I. D. G. REGINA. PORT. ET. ALG.

Na parte inferior:

I. FIG.^{DO} 1782

(Est. II, n.º 3.)

Desta variante, possui a Academia das Sciencias um exemplar, reproduzido numa substancia vermelha (cera, talvez), e o Museu Municipal do Porto um especime de porcelana sem esmalte, em que o busto, as legendas e a moldura são brancas e o fundo côr de tijolo. Aquelle mede 38 mill. no diametro maior e 32 no menor; este, 30 e 25, respectivamente. O desenho é absolutamente identico.

Uma das outras medalhas da Academia offerece uma particularidade interessante: o estar collada sobre um cartão, que tem, manuscripto, no verso, o nome — *P.º Celestino*.

Póde, porventura, ser producto de experiencias ou ensaios do engenheiro José Pedro Celestino Soares, que teve em Lisboa, na travessa do Pé de Ferro, uma fabrica de faiança e que, segundo parece, foi quem suggeriu, por 1820 ou 1822, a José Ferreira Pinto Basto, o intelligente e perseverante fundador da fabrica da Vista Alegre (Aveiro), a idéa de estabelecer no jardim do seu palacete do largo das Duas Igrejas um laboratorio para a analyse de barros, com o intuito de descobrir o kaolino, a fim de introduzir em Portugal, descoberta essa argilla, a manufactura da porcelana. Celestino Soares teria aproveitado o cunho aberto no Arsenal pelo gravador João de Figueiredo.

O Cardeal Saraiva (D. Fr. Francisco de S. Luis), quando, na sua *Lista de alguns artistas portuguezes*, se refere a João de Figueiredo (pag. 18), diz que possuia um *camafeu* de prata com o retrato de D. Maria I, que se lhe afigurava ser obra daquelle gravador. O cunho dessa medalha era, talvez, um daquelles que Bartholomeu da Costa reproduziu em porcelana.

E' de crer que sejam tambem obra de Bartholomeu da Costa as seguintes medalhas:

I — Medalha oval, com o busto do principe D. José, em relevo. A figura é branca; e o fundo, geralmente, azulado ou côr de pinhão (1), como na medalha de D. Maria I, de que esta constitue, por assim dizer, o par, embora seja menos vulgar do que ella. No reverso, que é branco, uma data na parte superior: — LISBOA 17...

Não ha concordancia, quanto ao anno, entre os differentes exemplares de que tenho noticia. Assim, o do sr. conde do Almarjão é datado de 1783; o do sr. dr. Pedro Augusto Dias (Porto) e o que pertenceu ao grande estatuario Soares dos Reis, de 1793, — segundo afirma o sr. Joaquim de Vasconcellos, que declara ter feito a leitura, no primeiro, com o

(1) Conheço tambem um exemplar com o fundo côr de ardósia. Pertence ao sr. conde do Almarjão.

A PORCELANA EM PORTUGAL

auxílio de uma lente (1). Num espécime que pertencem ao falecido conservador da Bibliotheca Nacional, Rebello Trindade e no do medalheiro do paço da Ajuda, acham-se obliterados, naquelle, os dois ultimos algarismos, e neste, o ultimo, sendo o 8 o penultimo. O exemplar da Academia das Sciencias tem moldura de pau santo, com vidro, e costas de metal, não podendo, pois, ler-se-lhe a data. Descrito, embora, no inventario, como de porcelana, mais parece de gesso, pelo aspecto.

Contesta o sr. Vasconcellos (2) a possibilidade de ser D. Pedro III a personagem nessa medalha representada, pretendendo que seja el-rei D. José. Pendo a crer que será antes o mallogrado principe do Brasil, não só porque assim o indica o inventario do museu da Academia, — copia do antigo, — mas porque, entre esse busto, primorosamente modelado, e retratos que conheço do filho primogenito de D. Maria I, como, por exemplo, o retrato a oleo que existe na Bibliotheca Nacional e o gravado por Joaquim Carneiro da Silva para o tomo II (muito mais raro que o primeiro) da obra *Os Estrangeiros no Lima*, ha, sem duvida, alguma semelhança.

Dimensões, as da medalha de D. Maria I.

(Est. II, n.º 4.)

II — Medalha circular, com moldura, representando, de perfil, para a direita, como nas moedas de oiro, os bustos de D. Maria I e D. Pedro III. Em volta, a seguinte inscripção:

MARIA. I. ET. PETRUS. III. PORTUGALIAE. REGES.

Na parte inferior do busto, a subscripção do gravador e a data:

I. FIGUEIREDO, 1780

Figuras e legendas, brancas, em relevo. Fundo côr de pinhão, de tom bastante claro. Moldura azulada.

Diametro, 5 cent.

Exemplar na Academia das Sciencias.

(Est. IV, n.º 1.)

Perfeitamente identica a esta no desenho, mas de menor diametro (4 cent. apenas), com a legenda em dativo, sem subscripção do gravador e sem moldura, possui a Academia outra medalha, cuja pasta, branda, porosa e côr de loisa, faz lembrar a das nossas interessantes *loijas pretas*. É igual ao anverso de uma das tres medalhas commemorativas da fundação do convento da Estrella (3), e porventura obtida por moldagem. Dos bustos que figuram nesses dois especimes, ha tambem alli, em ponto maior, um modelo de cera sobre placa de schisto.

(1) *Exposição de ceramica*, pag. 83.

(2) *Id.*, pag. 84.

(3) Vid. Lopes Fernandes, *Memoria das medalhas e condecorações portuguezas* (Lisboa, 1861), pag. 45, med. 57.

A PORCELANA EM PORTUGAL

Cêrca de meio seculo decorrido sobre os ensaios de Bartholomeu da Costa, alguem pretendeu recomeçá-los.

Na exposição do Porto, apresentou o fallecido escriptor Tito de Noronha uma medalha com a estatua equestre no anverso e a seguinte legenda no reverso:

PORCELANA DESCOBERTA POR
BARTHOLOMEU DA COSTA
NO ANNO DE 1773
FEITA POR F. A. RAPOZO EM 1834

Apesar das diligencias que empreguei, não consegui descobrir o paradeiro desta curiosa medalha, valendo-me, pois, das indicações do sr. Joaquim de Vasconcellos (1), que suppõe ser ella uma das primeiras peças de ensaio da Vista-Alegre, porque foi exactamente no anno de 1834 que um simples apprendiz da fabrica descobriu o kaolino (em Valle Rico), e se iniciou, portanto, ahí a manufactura da porcelana (2).

No gabinete do paço da Ajuda, ha uma pequena medalha circular, com o busto de D. Maria II, de côr branca, sobre fundo alvadio, mesclado, tendo em volta a legenda:

D. MARIA II RAINHA DE PORTUGAL

e no enxergo:

BARRE F.^T 1833

Diametro, 3 cent.

(Est. IV n.º 2.)

Affirma-se (ignoro com que fundamento) que esta medalha, bastante imperfeita, é devida a um descendente de Bartholomeu da Costa, — acaso o individuo cujo nome figura na que reproduz a estatua equestre.

Com excepção das duas ultimas, da que representa as armas de Portugal e da que tem o busto do principe D. José, todas as medalhas que ficam mencionadas inscrevem o nome do artista que abriu os respectivos cunhos: — João de Figueiredo, gravador de armas no Arsenal do Exercito (3).

Menos trabalhosa, talvez que a medalha com as armas portuguesas fosse aberta por Francisco Xavier de Figueiredo ou Antonio Joaquim de Figueiredo, (filhos de João de Figueiredo), ou Cypriano da Silva Moreira (4), ou Nicolau José Corrêa, ou Manuel Luis Rodrigues Vianna, ou algum outro dos seus discipulos.

(1) *Ceramica portuguesa*, serie II, pag. 43, nota 3.

(2) *Exposição de ceramica*, pag. 77.

(3) A João de Figueiredo referem-se: — Cyrillo Volkmar Machado (*Collecção de memorias*, pag. 278), D. Fr. Francisco de S. Luis (*Lista de alguns artistas portugueses*, pag. 18), e Raczyński, (*Dictionnaire historique-artistique du Portugal*, pag. 98-99).

(4) A' cêrca dêste gravador, lê-se na *Lista*, de D. Fr. Francisco de S. Luis, (pag. 55): — «... a Obra que mais honra o seu talento, e em que mais coadjuvou seu Mestre, he a bella medalha da Estatua Equestre de elRei D. José 1.º, de meio palmo de diametro, aonde se vê todo o primor do buril deste digno Artista».

A PORCELANA EM PORTUGAL

Quanto á dedicada ao principe D. José, é muito de suppôr que seja tambem devida a João de Figueiredo.

Do artista que assigna a medalha de 1834 (F. A. Raposo), não logrei obter noticia. Talvez que esse nome não pertença ao abridor do cunho, mas ao ceramista.

Barre, é, provavelmente, o esculptor francês dèste nome, discipulo de Cortot.

III

JOÃO Manso Pereira, professor de humanidades na Bahia e no Rio de Janeiro, publicou em 1796, no *Palladio Português* (1), uma memoria, — duas vezes reimpressa já (2), — em que sustenta que certa argilla branca, muito vulgar no Brasil e chamada pelos indigenas *tabatinga* (terra branca), é o legitimo kaolino; e que uma das suas variedades, correspondente á que os chinezes denominam *ho-ache*, adquire ao fogo, quando bem graduado, um brilho consideravel, sendo por isso muito propria para as obras de relevo. Acrescenta João Manso Pereira que della se servia para fabricar os camafeus «*que alguma acceitação teem merecido ao publico*».

Dotado de espirito emprehendedor, muito dado ao estudo da chimica e da mineralogia, Pereira realizou, pela applicação destas sciencias, alguns inventos, que, como geralmente succede, lhe não obtiveram o auxilio e os applausos a que se julgava com direito, pois que, na sua memoria, deplora ver-se rodeado de homens que (diz elle) consideravam bagatelas os seus trabalhos e julgavam perdido o tempo consagrado ao estudo da natureza, confundindo a chimica moderna com a velha alchimia.

(Continúa.)

D. JOSÉ PESSANHA.



O RITO BRACHARENSE

Lemos que o sr. Arcebispo de Braga, primaz das Hespanhas, está empenhado em restaurar na sua diocese o *rito bracharense*.

Essa liturgia tem festas essencialmente portuguezas, particularidades ingenuamente regionaes. Assim, por exemplo, na festa da Transfiguração de Christo, que se celebra a 6 de agosto, quando nas ramadas minhotas começam a amadurecer os cachos, vermelhos ou loiros, das vides, que são uma das fontes de riqueza do aldeão simples, laborioso e crente, benzem-se, á missa, as uvas que os fieis trazem á igreja; e ao vinho que ha de ser consagrado no calix junta-se o summo de um bago.

(1) Publicação periodica destinada a vulgarizar os descobrimentos que interessassem á agricultura á industria e ao commercio. A memoria de João Manso Pereira está impressa no tom. II (Lisboa, 1796) pag. 13-29.

(2) Na versão portuguesa da *Arte de porcelana* do conde Milly (Lisboa, 1806), pag. 231-249, e na *Exposição de ceramica*, do sr. Joaquim de Vasconcellos, pag. 6-15.

A CAPUCHA



o Caramulo, a mais linda serra de Portugal, a cobertura tradicional dos habitantes é a capucha. Especie de manto de santa, caindo naturalmente até á altura do joelho, deixa bem a descoberto a testa e parte anterior do rosto, dando á mulher um tom de verdadeira madona. E por lá aparecem algumas de formas tão esculturais e duma tal beleza de traços, que muitos as adorariam com mais carinho que ás Santinhas que, sobre doiradas peanhas, destacam nos altares das capélas e igrêjas.

Nunca a fertil imaginação de alfaiate e modista inventou peça de vestuario mais apropriada e util. Não é facil precisar bem a sua origem, mas tudo leva a crêr que viesse do Oriente, sendo trasida á região pelos arabes. Se é que o modelo não foi extraido d'alguma gravura, estampa ou desenho vindo dos Logares Santos o que é muito natural, por quanto a capucha ainda hoje é precisamente o manto que, desde os principios do Cristianismo, aparece cobrindo a maior parte das imagens, ou seja em pintura ou em escultura. Apenas foi modificado o modelo adoptando-lhe no cimo, na parte que ha-de assentar sobre a cabeça, uma semirodêla de pano em forma de meia lua.

E', ordinariamente, de burel de fabrico caseiro, havendo-as tambem, destinadas especialmente para os domingos e dias de festa, duma especie de saragôça prêta muito lustrôsa, a que chamam briche. Usa-se na serra do Caramulo, e em parte dos concelhos de Viseu, Vouzêla, Vila Nova de Paiva, Moimenta da Beira, Castro Daire e em alguns pontos de Tras dos Montes. Tambem se usa em alguns pontos dos Açôres, mas aí um pouco modificada na parte que cobre a cabeça, que é em forma de capucho ou touca.

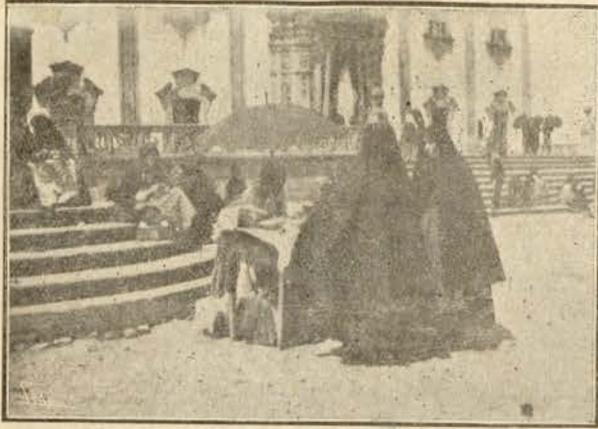
A sua utilidade é incomparavel.

Se é preciso conduzir um carrêgo, duma das pontas faz-se a rodilha, rodoiça ou matula para á cabêça o levar, como de toda éla faz a serrana bôa e comoda almofada que, ficando prêsa na cabeça, assenta entre os ombros, dando assim o melhor geito para conduzir pesadas canastras ou enormes mólhos de lenha, pastos ou outros fardos. Vergadas como arcos de pipa, saia arregaçada quasi até ao joelho, olhos pregados no chão, aí vão sérra arriba, por invios caminhos, levando ás costas enormes pêsos. Por esta forma levam os oleiros de Molélos a sua afamada e caracteristica loiça prêta aos confins do país e até á propria Espanha. Do mesmo modo levam as serranas a Agueda e outros póvos, a mais de 20 e 30 kilometros, os afamados queijinhos do Caramulo.



A CAPUCHA

Se precisam de levar cereais, hortaliças ou quaisquer outros objectos e não teem á mão em que melhor os possam conduzir, sem a tirar da cabeça fazem duma das pontas uma especie de saca e com grande facilidade se arranja e léva uma grande arregaçada ou *pontada*, como por ali vulgarmente se diz. Se precisam de agasalhar ou conduzir ao côlo uma criança, deitando-a sobre uma das pontas, e passada a outra por baixo desta, levam as mães os filhinhos encostados ao coração, podendo leva-los, sopesadas da cabeça e ombros, enfiados e estendidos quasi como se estivessem no berço. Desta forma devia ter trasido a Virgem Mãe ao colo, envolto em seu manto, verdadeira capuchinha — o Deus-Menino.



E é tão comodo e pratico este modo de trazer e acalentar crianças que as mães, ou quem assim as léva, ficam com os movimentos livres para fazerem qualquer serviço, e até para conduzir qualquer coisa á cabeça, pois sabem aconchegar e enrolar os filhos de tal modo que podem fazer largos trajectos sem precisarem do auxilio das mãos e braços para os transportarem. Serve tambem a capucha, enrolada ou torcida, ao comprido, para enfiar coisas diversas, á maneira de corda ou atilho.

Estendida no chão, sobre éla sécam milho, feijão e outros cereais, formando assim um pequeno toldo ou eirado. Se é preciso estender a toalha, para as frugais refeições, em pleno campo, e não ha perto laje ou relvado, a capucha estira-se sobre a terra, á guisa de mesa, evitando deste modo que a alva toalha vá sujar-se sobre a terra.

De dia é um excelente resguardo das chuvas, neve e granizo, de noite serve de manta na cama, e, assim, sempre um excelente agasalho para o frio. Quando coberta deixa os movimentos soltos para certos trabalhos, e de inverno e de verão é a inseparavel e melhor companheira dos pastores. Otima capa para os rigores do tempo aproveitam-na pelos dias de estio para sobre ela se deitarem e, muito especialmente, devidamente dobrada, para lhes servir de travesseira, quando sob copados arvorêdos se livram do torrido calor. Numa das pontas levam por vezes, a merenda, como no Outuono a aproveitam para conduzir os ouriços dos castanheiros que encontram pelos montados, indo casca-bulha-los a distancia, para com as castanhas fazerem seus magustos.



A CAPUCHA



E até pastores ha que dela se têm servido para afugentar os lobos dos rebanhos, servindo-se da capucha como Guerrita, Montes ou Galito se servem da capa. E gente que dela para tal efeito se tem aproveitado assegura que não ha lobo que, em assim vendo caminhar para ele, com o improvisado trapo, como no redondel para o toiro, não fuja desabridamente, ou a sete pés, como por lá se diz. Tem ainda a vantagem de se justar bem ao côrpo e escoar a agua como nenhum outro fato e de, sobre tudo os homens, sobre ela poderem assentar o grosso e largo chapéu de fêltro, para melhor poderem livrar a chuva da cara.

E por que se põe ou tira da cabeça num abrir e fechar d'olhos; por que encobre outras peças de vestuario que estejam rôtas ou demasiado velhas, — é tudo quanto ha de mais pratico, por que é, tambem, como peça de indumentaria, tudo quanto ha de mais simples.

Serviria de apropriado modêlo a Bocage se tivesse tido a felicidade de visitar o Caramulo, ou em qualquer parte houvesse lorigado a linda e pratica capuchinha, para saber o destino a dar aquele celebre côrte de roupa que lhe ofertaram, e que ele enfiava na cabeça, á maneira de manta alentejana, fazendo-lhe uma abertura no meio, e usando-o assim até que chegasse a ultima moda...

Viseu. Janeiro de 1909.

JOSÉ JULIO CESAR.



CASAS DE PORTUGAL

III

OEIRAS



OEIRAS: villa brazonada pelo Marquês de Pombal, perto de Lisboa, concelho de cinco freguezias, povoação antiquissima, orago — Nossa Senhora das Candeias.

Entre os templos que possui, distinguem-se a igreja matriz e a capella de Nossa Senhora da Conceição de Santo Amaro, cujo bello silhar de azulejos (8 de alt.), typo do Rato, representa, em doze composições, a vida de Nossa Senhora.

Diz Pinho Leal, farto em noticias sobre Oeiras (1): — «Era Oeiras uma aldeia grande e muito bem situada. Em 6 de Junho de 1759, D. José I, elevando o seu 1.º ministro, Sebastião José de Carvalho e Mello, a Conde de Oeiras, de juro e herdade, e seus irmãos a secretarios de estado, deu a esta povoação a categoria de villa, logo no dia seguinte (7 de Junho de 1759)». Mais adiante, recorda o facto de D. José e a sua cõrte terem alli passado os verões de 1775 e 1776, indo o rei todos os dias tomar os banhos ao Estoril, etc. e, a seguir: — «Ufana-se Oeiras, com razão, por ser a primeira terra de Portugal onde se effectuou uma *exposição agricola e industrial*, e, com toda a probabilidade, a primeira feira neste genero em toda a Europa».

Desejo falar da vivenda de Oeiras (2), dêsse palacio já hoje historico, e a ideia de que habitou alli o Marquês de Pombal absorve-me, distrae-me, por vezes, de toda a arte que o envolve. Quero ver o todo grandioso, sob o seu aspecto pittoresco e commodo de casa de campo, ou, em detalhe, as bem lançadas escadarias que descem dos terraços, as esculpturas ornamentaes, allegoricas ou representativas de grandes vultos da poesia, e vejo o estadista numa das janellas do seu andar nobre com D. José I, este escutando e aquelle lembrando como seria util para o país mais uma fabrica de tecidos, de chapéus ou de relógios, para, com sua industria, compensar algum ponto menos provído de Portugal.

Ver Oeiras e não ver o Marquês de Pombal — não é possivel a quem se educou a ver as obras e a pensar nos seus auctores.

Vejo o palacio e os seus jardins, vejo o cuidadoso artista a fazer luzir a sua terra, a tornal-a attraente e encantadora, vejo a grande feira de Oeiras, de todos os productos fabricis e agricolas nacionaes, realizada em 1775 e á qual concorreram os cultivadores da terra

(1) Por vezes, é preciso cautela com a fatura...

(2) Nos seus primeiros tempos, em grande formato, tratou com brilho a *Illustração Portuguesa* do palacio de Oeiras.

CASAS DE PORTUGAL

e as fabricas do país, feito de extraordinario alcance, obra inedita, que deu brado, que fez sentir a sua acção em todos os logares de actividade e de esperança em Portugal!

Esse homem unico via o requinte artistico de uma joia de pedras finas, de um brocado de oiro, de uma delicada peça de faiança, ao mesmo tempo que avaliava o interesse de uma nova plantação de amoreiras, que mandava vir de França, para alargar mais e mais a rica industria da seda entre nós, sabia pôr de pé uma cidade caída, sabia premiar e castigar e, para não esquecer coisa alguma, quando algum humilde, no carcere, com menos pão, espiava o crime, elle, a casa de Pombal, mandava-lhe parte do seu pão. Damos a prova do nosso dizer com a reproducção de um precioso documento da epoca. Elle nos informa da importancia do jantar que o conde de Oeiras, em 1779, mandou abonar aos presos da cadeia do Limoeiro, por determinação de seu pae.

Dêsse attestado se deduz que essa dezena de mil réis, escassa para os dias que vão correndo, devia pagar, ao tempo, uma refeição que custaria hoje dez vezes mais, e, ainda, que, nesse tempo, estavam taes esmolas na caridade doutros bemfeitores, visto o artistico documento (1) estar sómente manuscripto no que respeita ao nome do esmoler, á importancia, á data e ao nome do mórdomo dos presos.

Pombal era uma alma nobre!

Ha quem o tenha visto por outro prisma; mas não me parece que o tenha visto bem.

Quantas vezes não perdeu elle ao *maldito coxo*, ao *coxo das Aguas Livres*, e, no entanto, quantas noites esse homem não pôde dormir, para se defender de tantos que lhe queriam mal!

O caso dos Tavoras, a prisão do Mendanha, são actos que resultam da sua posição, e não da sua indole. A sua defesa perante D. José I é uma prova do seu elevado character.

Pombal não se desculpava sem direito de o fazer. Os homens válidos, não covardes nem intrigistas, e amados como o foi o Marquês de Pombal (2) são, em geral, bondosos, grandes almas, embora tenham que ser juizes severos, alguma vez.



RETRATO DO MARQUÊS DE POMBAL NUM PRATO DE FAIANÇA DA FABRICA DAS JANELLAS VERDES (CONSTANCIA). DECORAÇÃO POLYCHROMA — 1850. DIAM. 0,36

(1) Tudo, por aquelles tempos, era tratado mais ou menos artisticamente.

(2) Em 1745, como não sabia esperar (não sabia esperar, porque sabia ver), em Vienna d'Austria, onde estava como diplomata, logo que teve noticia da morte de sua mulher, D. Theresa de Noronha, viuva do Conde dos Arcos, casa em segundas nupcias, e fez assim, nem mais nem menos, o que já havia feito sua primeira mulher. Apaixonado, que apaixonava, que seduzia até ao rapto, pouco tempo se conservou viuvo; e, com mais de quarenta annos, trouxe da côrte da

CASAS DE PORTUGAL

Emfim: Quando os homens são, como Sebastião José de Carvalho e-Mello, capazes de fazerem resurgir uma cidade dentre as ruínas de uma catastrophe, como foi o terremoto de 1755, estão sempre diante dos nossos olhos, perto de todas as coisas bellas, fixados na nossa memoria, juntos do nosso coração; elles são a redempção, a justiça, a grandeza, a mais elevada expressão da verdade! As altissimas qualidades de Pombal ficaram na nossa memoria, como o seu retrato ficou na memoria do Terreiro do Paço, no mais bello monumento de Portugal, na inexcédível obra esculptural de Machado de Castro.

Sebastião José de Carvalho e Mello, que nunca abandonava o rei, porque nunca esquecia o país, depois da derrocada a que acabo de me referir, lá se foi estabelecer na sua barraca ao pé da barraca do rei, paço real, privando-se das commodidades e das recompensas indispensaveis a um homem da sua actividade e das suas responsabilidades.

Mas nem mesmo alli, e nas circumstancias a que alludi, se esquecia da commodidade dos outros e até, quando era devido, mais do que commodidade.

Num documento da epoca, que encontrámos entre papeis da casa Pombal, lê-se: — «A Fernando Antonio Fidié: Por huma conta de armações de Seda com que se armarão os Quartos da Barraca da Ajuda da Ex.^{ma} Senhora Marqueza 1:356.7505 (1)»; e ainda: — «Pelo custo de dois repuxos para o Jardim da Barraca da Ajuda 27.180».

A par da maravilhosa reconstrucção da cidade, completada pela inauguração da esttua equestre, que elle proprio, poucos dias depois, relata ao seu chefe, ao seu unico chefe, deve-se-lhe o resurgimento economico da nação.

Nas «Obras do Marquez de Pombal», que eu leio como os crentes lêem a Biblia, lê-se, logo numa das suas primeiras passagens: «S. 4. It. é o segundo principio, o estado das Artes Fabris, ou officios mecanicos, que são os braços e as mãos de todos os Estados, e quando antes tudo o que elles (estrangeiros) costumavão fabricar, entrava pela Barra vindo dos Reinos estrangeiros, se vio agora, quanto os manufactores nacionaes floresceram, porque fabrica em Obras de Ouro, e de prata, de lã e de sêda, de ferraria, de marcenaria, de

Austria, com vinte e quatro primaveras, a Condessinha Leonor Ernestina Daun. E, para que Pombal fosse em tudo e para tudo um homem, fez que do seu enlace viessem ao mundo outro Adão e outra Eva, pois assim se chamaram os dois primeiros filhos. — Lucio d'Azevedo, «O Marquez de Pombal e a sua epoca», pag. 67.

(1) «Relação das Dividas com que se achou gravada a Ex.^{ma} Casa Pombal não só das que contrahio o Ex.^{mo} Sr. Marquez que Deus tem em gloria, mas tambem as dos Ex.^{mos} Srs. seus irmãos de que foi universal herdeiro», etc. 1777 a 1782.



Recebi do *M^o Conde de Oeiras* que importou a despeza do jantar, de que fez esmola aos presos da Cadeia do Limoeiro no dia 27 - - - do prefente mez. Lisboa 28 de *Junho* de 1772

O Mordomo dos Presos

Manoel da Silva M^o

REPRODUÇÃO DO RECIBO DE 25000 RÉIS, IMPORTANCIA DO JANTAR, ESMOLA DO CONDE DE OEIRAS, AOS PRESOS DO LIMOEIRO. DIM. DO DOCUMENTO : 0,305 X 0,215.

CASAS DE PORTUGAL

correiria, etc., tudo o necessario para os vestidos e galas de ambos os sexos, para ornatos das casas e mezas, e para as ricas e numerosas carruagens de uma tão brilhante função, sem que viesse de fóra cousa alguma: porque até os Espelhos, placas e vidros de beber, forão feitos nas fabricas do Reino por vassallos de Vossa Magestade».

Depois, exalta com o mesmo fogo o estado das Artes Liberaes, falando das «muitas e boas pinturas do insigne Francisco Vieira, e dos muitos discipulos», etc.

Portanto, sem me afastar nunca dessa gigantesca personalidade, direi do muito que possui, de famoso, o seu palacio de Oeiras.

Construido entre jardins, sobre uma das suas propriedades mais proximas do Tejo (1), rodeado de arvores de fructo e de sombra e de terras de sementeira, regadas pelas aguas da ribeira, que atravessam a villa e correm claras em direitura ao mar, foi posto de pé, como é sabido, pelo risco do architecto hungaro Carlos Mardel, que veio para Lisboa no primeiro terço do seculo XVIII e aqui morreu em 1763.

Como architecto official, riscára tambem o importante projecto do aqueducto das Aguas Livres e de outras obras de circumstancia.

Em virtude do seu isolamento, o edificio tem quatro fachadas, offerecendo a do norte um corpo avançado, onde, sob arcarias, se vê o pavimento terreo, que anda mais baixo do que os terraços. Depois, as chamadas sobre-lojas, o andar nobre, e as *aguas-furtadas*, como o *coxo*, o mysterioso inimigo de Pombal, apimentadamente lhes chamava, pela razão que é sabida.

E' esta face a que primeiro se impõe, quando se caminha da estação ferro-viaria para o palacio de Oeiras.

A meia distancia, tem-se logo a noção de que nos approximamos de alguma coisa onde habitou alguém.

Dão essa impressão os azulejos que cercam as janellas do andar principal, que abrem para a sacada, e as mansardas caracteristicas das construcções pombalinas, levantadas sobre telhados moiriscos, que constituem a physionomia dos nossos typos de edificação com mais forte razão de ser.

Descendo um pouco, passada a ponte que salva a ribeira e após alguns passos mais, encontra-se a fachada voltada ao nascente, com o portão, entrada para o pateo, desafogo das casas que se prezam. Depois, a escada particular, escolhida actualmente para serviço do palacio.

A entrada principal, voltada ao norte, dá sobre um grande largo, encabeçado por um chafariz, — artistico, como todos os chafarizes do tempo de Pombal. Face a esta fonte, com queda de agua corrente, com a fachada principal. Pateo grande, portão gradeado, com braço de armas, como os que ostentam a dita fachada e o dito chafariz, e ainda (de grandes dimensões) o que encima o corpo central da casa dos coches e das seges, que dá para o mesmo largo.

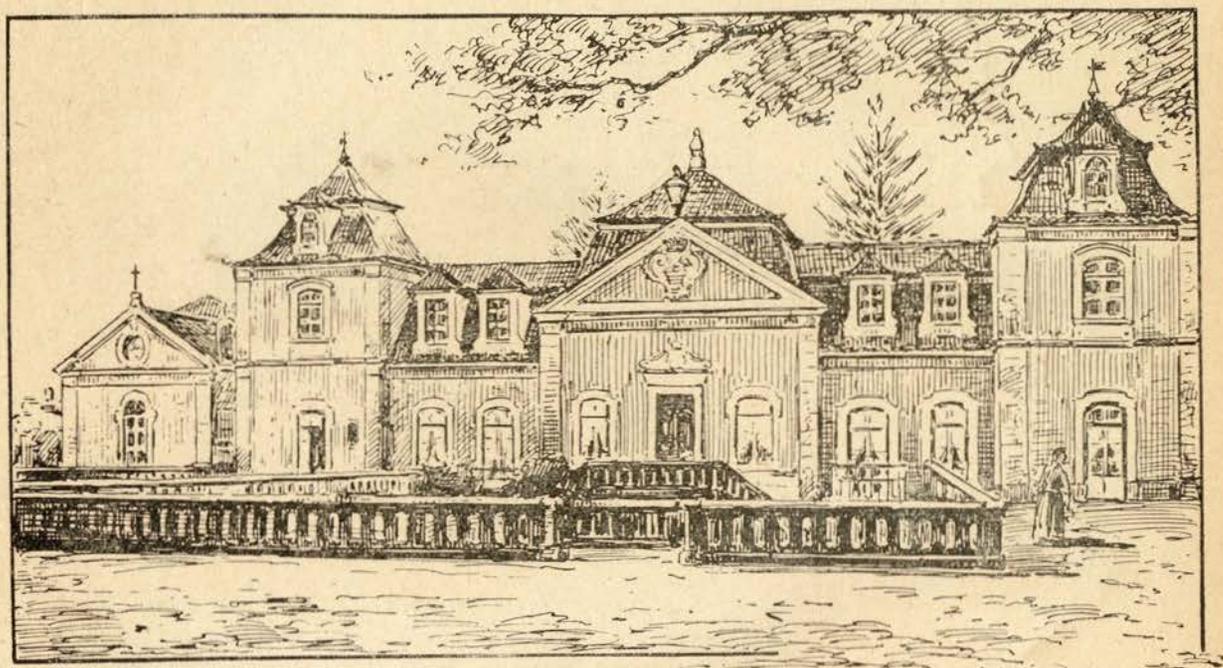
Não obstante a farta quantidade de salões e commodidades do andar nobre, os moveis, as pinturas, os estuques (coisa interessante em Oeiras), outros ligeiros adornos e a variedade dos silhares e roda-pés de bellos azulejos, de que direi a seu tempo, a parte mais in-

(1) São duas as propriedades rusticãs situadas entre Oeiras e Carcavellos.

CASAS DE PORTUGAL

teressante, a parte verdadeiramente seductora, da vivenda de Oeiras está no exterior e nos jardins, num grande conjuncto de arte e outras grandezas de melhor para melhor comprehendidas para tornarem a vida mais agradável ao ar livre do que nos aposentos.

O terraço mais utilizado, o mais amplo e o mais rico, é o que acompanha a face do palacio voltada ao norte. Os seus parapeitos, encanteirados e azulejados, são, a devidas distancias, interrompidos por poiaes, igualmente guarnecidos de azulejos do seculo XVIII, com meninos deliciosamente pintados. Esse baixo muro é pisado por sete estatuas de marmore, tamanho natural, duas ladeando a passagem para o patim da escadaria norte, de dois ramos, revestida de bellos azulejos a azul, com figuras; duas nas mesmas circunstancias, na escadaria poente; uma onde o mesmo muro faz angulo, e uma em cada um dos seus extremos.



PALACIO DE OEIRAS. FACHADA VOLTADA AO JARDIM

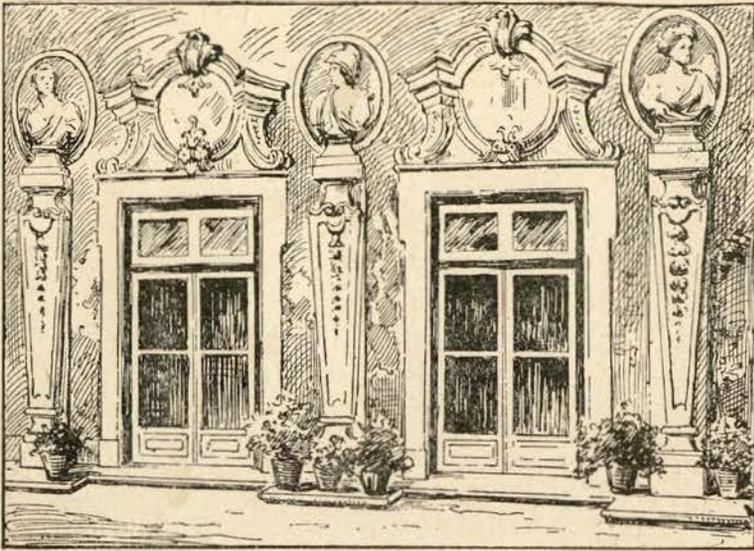
Representam essas esculpturas: a deusa das flores, mãe da Primavera; a divindade dos fructos; a deusa da agricultura; o deus do vinho, que tantos adoradores tem em Portugal; o inverno e outras figuras da imaginosa mythologia, uma das quaes me pareceu Eos, o deus do amor.

Inda por aqui a esculptura se vê em alentados bustos de marmore sobre altos plinths cortados do lioz com elegancia e estreitados com a parede, a ladearem as portas, sobrepujadas de ornamento talhado em perspectiva, que dão para o recinto em questão.

Daqui, parte a escada que desce para o jardim, maravilhosa, e á qual o tempo tem dado um aspecto tal, que se mistura com as flores. Obra de arte architectonica, desce para uma rua que enfia com a linda Fonte dos Poetas, onde uma grande esculptura symboliza um dos nossos rios — o Tejo, creio. De dois ramos perfeitamente symmetricos, com seus lanços e



CASAS DE PORTUGAL



PALACIO DE OEIRAS — UM ASPECTO DA FACHADA SOBRE O TERRAÇO DAS ESCULTURAS

patins, é ella acompanhada de caracteristicos gradeamentos do seculo xviii, assim como os parapeitos dos patins superior e inferior, donde partem os primeiros degraus.

Os muros que lhe dizem respeito são revestidos de azulejos a côres, uns de simples ornatos, por vezes imitando a referida grade, outros com assumptos de caça, com molduras do estylo *rocaille* e todo o ar da fabrica do Rato.

E' este o caminho que, sobre a direita, leva aos

differentes pontos onde está o que têm melhor e mais notavel os jardins. Sobre um delles e debruça o terraço mais avançado para os jardins, que faz base á fachada dêsse lado o palacio. Todo florido, são os seus muros e parapeitos e os maineis da propria escada forrados de azulejo de variados assumptos, onde as figuras se movem, onde os animaes fogem ou se enraivecem e defendem, azulejos cujas molduras, bem ornatadas, dividem, nesse mundo bucolico de poesia, de destreza e de bravura, quadros completos, interessante-mente compostos e pintados.

Depois, seguindo, topa-se com a Fonte das Quatro Estações, monumento espirituoso, cujo pedestal contramoldado sustenta, de marmore, quatro figuras graciosamente sentadas.

Ao longe, de um ou outro ponto, divisa-se o quartel das castiças aves, o pombal, que é, no seu genero, sumptuoso, edificado proximo da estrada de Porto-Salvo. Mais alem, a notada Casa dos Bichos — dos bichos da seda (1), — bem velha já, construida na propriedade chamada a *Fonte do Ouro*. Transposta a estrada de Porto-Salvo,



VASO DE FAIANÇA DO RATO, DE GRANDES DIMENSÕES

(1) Em Oeiras tambem se tratou da industria da seda. Entre differentes documentos que encontrámos, pertencentes á casa Pombal, existe uma relação de contas a pagar — 1777 a 87, — onde se lê: «A' Direcção da Fabrica das Sedas: Por uma conta de Sedas e amoreiras 7:627 467».

Dum inventario de Oeiras, de 1805: «Casa de Homês fiarem Seda: Tres bacias de cobre. Huma dita de latão». E ainda sobre o assumpto, o seguinte: «Agosto 2 — De Antonio Reis de Oliveira, cento e quarenta e quatro mil réis, pela renda da *Casa dos Bichos de Seda*, Folhas das amoreiras, da Quinta de Oeyras, que se lhe arrendou para criação dos Bichos, do presente ano». Livro de Receita e Despeza geral da casa de meu Pay o Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Marquez de Pombal, de que sou administrador. — Conde de Oeiras-177...

CASAS DE PORTUGAL

caminha-se pela margem de terrenos lavrados, sob a sombra do arvoredado e ao abrigo do muro, com desejo de chegar á Casa da Pesca, pois inã não é tão facil alcançal-a como dizel-o. Uma vez alli, e trepada a escada exterior que lhe dá acesso, não se tem imediatamente a justificação do nome.

A denominação vem-lhe dos motivos maritimos de que se compõe o seu baixo silhar de azulejos, pois que em cada um delles se exerce, por modo differente, a faina da pesca.

São vinte e uma as composições do silhar, o qual não só guarnece as paredes, grandes e pequenas, como as suas grossuras e os aventaes das janellas, de uma sala quadrangular e bem proporcionada. Têm estes azulejos grande valor, pelo que representam decorativamente, pelo nome que deram a uma das dependencias do solar dos Carvalhos da Villa de Oeiras, e pelo muito que se ligam com a historia da fabrica de Lisboa (1), no seu periodo mais brilhante.

O movimento das figuras no primeiro plano dos paineis, a maneira do debuxo, a tonalidade do azul e o caracter dos repregos de paisagem encontram-se detalhadamente, com a mesma expressão e qualidades, nas bellas faianças do Rato. Estou mesmo em dizer que o artista que pintou as figuras dos ricos pratos e outras faianças da fabrica dos suburbios do Rato, foi o mesmo que pintou os azulejos da Casa da Pesca, assim como, entre outros que lhes andam perto, os azulejos de um quarto de tocar do palacete do Poço Novo, pertencente ao meu amigo Henrique Vianna. E, já agora, direi que, para um estudo especial, comparado, entre a louça do Rato e os azulejos em questão e outros espalhados por Lisboa e mais logares do país, Oeiras tem ainda elementos, além dos que se encontram na Casa da Pesca.



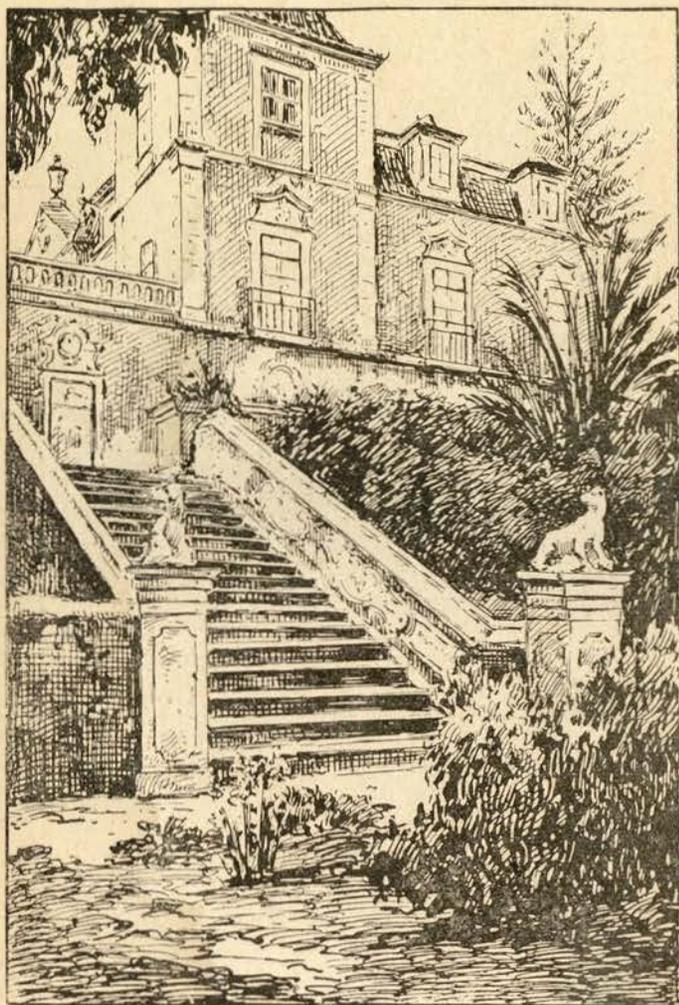
PALACIO DE OEIRAS — JARDIM, FONTE DOS POETAS

Bem perto daqui, por debaixo da tão fallada Casa da Pesca, outra obra de azulejos se depara, e de tal grandiosidade, que custa crer que tenha até agora passado sem exaltação e até sem reparo! Eu confesso que, tendo visitado Oeiras mais de uma vez, nunca a tinha visto até ha pouco menos de dois annos, por nunca me terem fallado della, por não

(1) «Louça da Fabrica», ou «Louça da Fabrica de Lisboa», — assim chamava á producção do Rato a gente da casa Pombal e mesmo de fóra, como adiante se verá.

CASAS DE PORTUGAL

estar no perimetro do palacio e ainda por não ser meu costume ir mais além do que é permitido, quando estou de visita na casa alheia. De resto, o limite entre as duas propriedades desculpa-me, como desculpa a qualquer outro no meu caso. No entanto, porque seria que tanta gente de nome que escreveu sobre Oeiras, como tratou de tantas outras vivendas e palacios notaveis, entre nós, pelos bellissimos azulejos que lhes guarnecem as paredes, interna e externamente, se não refere a elles senão muito raramente?



PALACIO DE OEIRAS — ESCADARIA DO TERRAÇO PARA O JARDIM

Um grande recinto semicircular, grandes escadarias, uma enorme cascata formam um espectáculo não vulgar de architectura e de sciencia de adornos, num jardim que meus olhos conjecturavam, quando viam desses concursos de galantaria artistica nas gravuras do seculo xviii.

De face para esse como que amphitheatro e daquem o grande lago, Fonte da Taveira, com figuras esculpidas, no centro de todo esse conjunto, desfruta-se o phantastico effeito de todos os motivos, que, com arte e preceito, foram alli agrupados. E a maior distancia,

Em que conceito teriam esses chronicistas e annotadores tão rico filão de arte decorativa? Ha mais um seculo de mudez e, portanto, de cegueira, diante de uma expressão de arte tão importante. Porque é que tantos desses livros de consulta nos não dizem uma palavra, sequer, a tal respeito? Nem esse Pinho Leal, tão farto em noticias sobre Oeiras, como já disse, deixou uma simples referencia aos innumerados azulejos do referido palacio e suas dependencias.

Mas, voltando ao que nos proporcionou a Casa da Pesca.

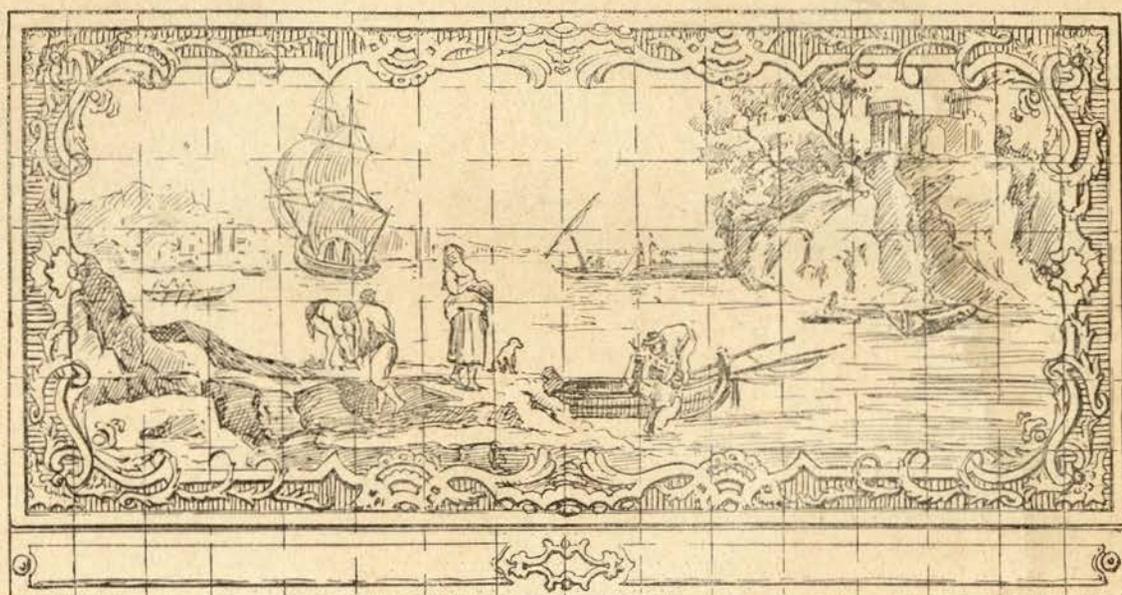
Extraordinario! Sumptuoso! Como se fazia a vida no seculo xviii em Portugal! Que bom gosto e que bellos executores havia no nosso meio artistico, que almas generosas, que coragem! E que fortuna ainda — devido á gente desse tempo — podermos dizer isto! Bravo, Senhor Marquês de Pombal! Bravo, Senhores Artistas e Artifices dessa epoca, **dessa nossa epoca**, dessa segunda Renascença entre nós!

Um grande recinto semicircular, grandes escadarias, uma enorme cascata formam um

CASAS DE PORTUGAL

junto dos dois parapeitos (separados pela passagem de uma escadaria, tal como acontece no terraço voltado ao sul, de que já falei), com canteiros e poiaes talhados na grossura e cobertos de azulejos com simples rosetas (typo *da Fabrica*), a azul e cõr de vinho, dos mesmos que forram a escada a que acabo de alludir, ainda mais se impõe o grande e empolgante conjunto dêsse hemicyclo, cujas paredes são dispostas em diferentes planos, como bastidores de theatro, de modo a darem passagem ás escadarias e a deixarem ver a alta e inclinada cascata, em que fartas quedas de agua galgam obstaculos, com frescas espumas, brilhantes como fragmentos crystallinos.

Todas essas paredes exhibem azulejos, cujas composições attingem altas e largas superficies. São das mais importantes que tenho encontrado, de assumptos não religiosos. Tratam, allegoricamente, de tudo que se relaciona com a agua: — o deus dos mares, tritões,



PALACIO DE OEIRAS — SILHAR DE AZULEJO DA "CASA DA PESCA" — SECULO XVIII, TERCEIRO QUARTEL

golfinhos, sereias, cavallos-marinhos, sendo as sereias representadas por encantadoras mulheres, e Neptuno, algumas vezes, por lindas creanças. Mythologia, amores, natureza, entram nas frescas lides, ao de cima da agua, que brota dos rochedos, das fontes e das bocas de animaes phantasmagoricos, como se Moisés lhes tivesse tocado com a sua vara milagrosa.

Por aqui e alem, os penedos, os fragmentos caídos das rochas, pedaços de grutas, stalactites e outras concreções vitreas, que o tempo soube crear; as conchas e os buzios, sendo alguns dêstes soprados por bochechudos entes; as tartarugas; os cágados, e, a surdirem da agua, as algas marinhas e outras plantas aquaticas.

Para nada esquecer á phantasia, á graça, do artista azulejador, dêsse pintor ceramista bem fadado — e digo assim, pois que até o lume collaborou para que a linda cõr, o azul, resultasse inexcêdível — no espaço, quando o arranjo do quadro o requeria, lá está o ceu, povoado de aves, a compôr melhor, a tornar mais completa a composição.

CASAS DE PORTUGAL

Dêste caso notavel de arte decorativa no jardim, — e no jardim do seculo xviii, que attingiu o requinte do bom gosto e da elegancia, — dá-nos conta a seguinte

RELAÇÃO

Da despeza que até ao presente se tem feito com a Cascata da Taveira

Com jornaes de Alvineos, Canteiros, Trabalhadores, Rapazes e carreiros da casa	2.637:960
Com pedrarias toscas do Carrascal, da Lage, e para canos ...	712:050
Com lagedo do Murtal e pedraria do Amaro.....	485:160
Em dinheiro que se tem dado a Manuel Vicente pela lavoura da pedra.....	916:800
Com carradas de alvenaria	659:510
Com o Ferreiro.....	164:700
Com o Fundidor de Paço d'Arcos.....	101:780
De chumbo, pó de pedra, azeite, cestos, etc.....	54:420
Somma.....	5.732:380

Em Oeyras, a 23 de Dezembro de 1769. — *Joseph Monteiro de Carvalho* (1).

Este precioso documento, além de nos dar perfeita ideia do valor dos materiaes, da mão de obra e do movimento do trabalho, naquella epoca e naquelle logar, vem dizer-nos a data dos azulejos da cascata, pois é facil conjecturar que devem ter sido collocados nos muros da Taveira por 1769.

E' tambem interessante este documento:

Obras de Oeyras — Anno de 1766

Canteiro, João Luiz, 6 dias a 300	1800
Rapazes, 6 dias a 120	720
Trabalhadores, 6 dias a 200	1200
Cabouqueiros, 5 dias a 200.....	1000
Caiador, João Barbosa, 6 dias a 250	1500

As salas do palacio de Oeiras, de receber, de estar, das refeições, de bilhar, gabinetes, alcovas e mais dependencias acham-se mobiladas e guarnecidas, em parte, com objectos da epoca, com pouco serviço nos ultimos annos, principalmente desde que falleceu o ultimo Marquês de Pombal, visto sua mulher, a Senhora Marquesa, não ter voltado a habitar Oeiras. Esse mobiliario e adornos, porém, são parte do muito que havia no antigo solar dos Senhores Carvalhos, pois que as successivas partilhas e o arranjo doutras vivendas da mesma

(1) 1769 — Obras, 23. Maço das Certidões — Casa Pombal.

CASAS DE PORTUGAL

familia o foram, pouco a pouco, reduzindo. Por isso, parece-me interessante dar aos leitores, depois de uma simples descripção dos azulejos que em Oeiras guarnecem a capella, as salas, as escadas e os corredores, o que resa o inventario dêsse importantissimo recheio, entrado em Oeiras desde o seculo xvii. (1)

Como já disse, os azulejos têm por aqui, tambem, mais ou menos, o caracter do Rato. — Começarei pelo andar nobre, segundo a ordem dos meus apontamentos :

Saleta : — Silhar de azulejos a diferentes côres ; os meninos que rodeiam os principaes assumptos, são pintados a amarello (2) desvanecido ; flores e outros motivos das cercaduras, as quaes não guarnecem a parte superior, a outras côres. Altura, 7 azulejos.

No *salão* a seguir, o silhar apresenta-se-nos com a mesma altura. Entre outras composições, encontra-se uma com a legenda : APOLO.

Em todas as divisões, os assumptos differem, mas as cercaduras são quasi sempre do estylo *rocaille*, a azul, polychromas, ou a amarello e roxo.

Numa das *salas* que dão para o terraço alto, os motivos do silhar são pintados a côr de vinho e das suas figuras repetem os galanteios os rotulos, que dizem assim :



PALACIO DE OEIRAS — AZULEJOS DA GRANDE CASCATA — 1769 A 1771

(1) Tivemos o prazer de encontrar no archivo da Casa Pombal este valioso documento, como outros, devido á concessão especial que nos foi feita pelos amaveis representantes do grande estadista.

(2) E' rarissima esta côr em figuras de azulejo portuguez do seculo xviii.

CASAS DE PORTUGAL

LE GOUT JACCEPTE LES FRÚS DE
POMONE, ET JAI DU GOUT POUR
QUI LES DONNE

(Um gentleman oferece fructos a duas damas; seculo xviii).

LE TOUCHER
A MAI JE PRETE A MA BE-
AUTE LE SERMANT DE
FÉDELITÉ. (1)

(Um gentleman beija a mão de uma dama; seculo xviii).

Outros ha ainda, com galanteios e dichotes, referentes aos cinco sentidos.

A seguir, outra *sala*, das mesmas dimensões. Os quadros do silhar representam scenas fabulosas. Noutra *sala*, o silhar, só a tinta azul, é igual a alguns que se vêem por Lisboa; um delles encontra-se a guarnecer a sala de espera do Hotel Durand. — 6 1/2 azulejos de altura. Devem ter saído de officinas com a maneira da *Fabrica de Lisboa*.

Salão grande: — Silhar de 12 azulejos de altura; cercaduras historiadas, com meninos aos cantos. Representam batalhas, só a tinta azul. Muito bellos. — Primeira metade do seculo xviii.

Agora a *sala de entrada* (entrámos para este pavimento por uma escada modesta e por isso só nesta altura encontrámos a sala de entrada), que é tambem cercada de bons azulejos, a azul. Tem o seu silhar 10 de altura, representando caçadas, com ricos emolduramentos. Epoca dos anteriores.

Seguem-se os da *casa de bilhar*, com suas albarradas floridas, pintadas em estylo *baroco*, tambem com 10 de altura.

E, daqui, passemos á celebre *Casa da Concordia*, cujo titulo lhe vem do tecto (a oleo), que representa um facto notavel passado entre Pombal e seus irmãos, os quaes estão ahí pintados pelo pincel da *Joanna do Salitre*. O silhar é constituido por assumptos de marinha, de muito interesse, com 7 azulejos de altura.

A escada a que ha pouco me referi, é guarnecida de azulejos dêsse bom periodo das inspiradas composições, da fantasia dos azulejadores do segundo terço do seculo xviii. São a azul, graciosamente emoldurados com cercaduras recortadas. Foi por esta escada que descemos e nos encaminhámos para a capella da Senhora das Mercês, cuja imagem, esculpida em marmore, se vê sobre o altar-mór.

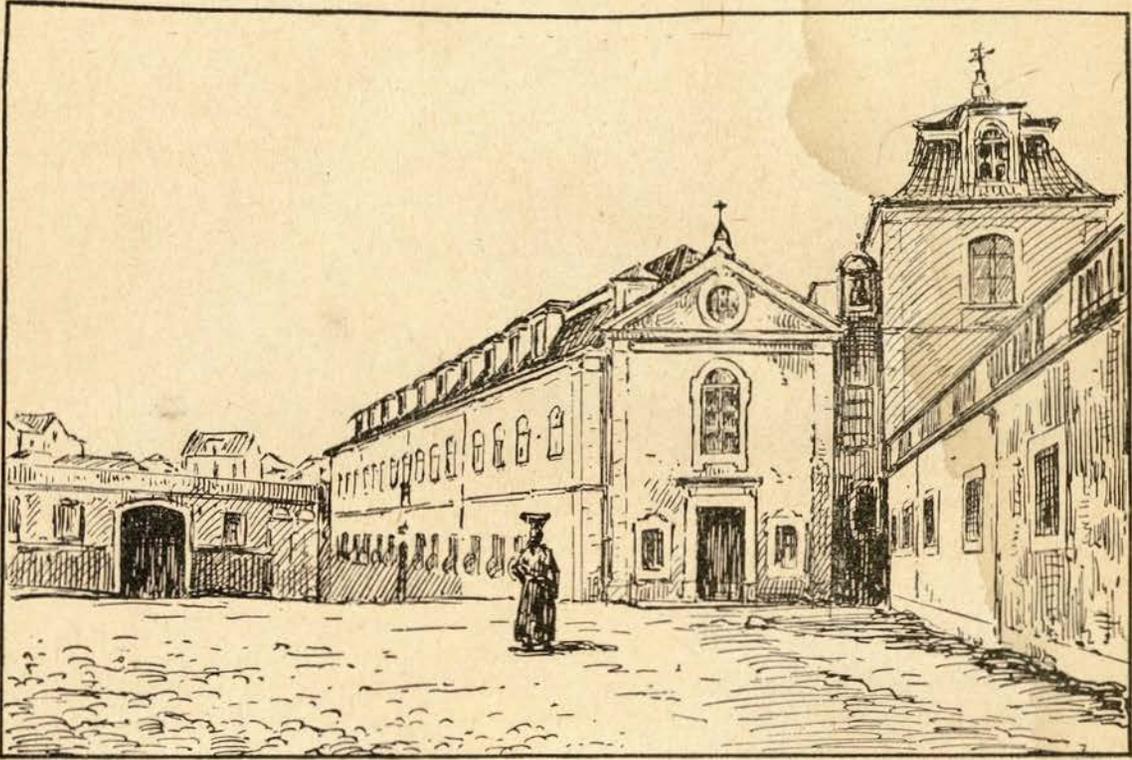
Offerece-nos pinturas de André Gonçalves, estuques (2), ferros e azulejos, represen-

(1) Como se vê, não primam os versos pela pureza do francês, e antes assim!... Os portuguezes do seculo xviii sabiam pouco francês, mas tinham grandes qualidades e pintavam azulejos como raramente se pintam agora.

(2) Sobre a aula de desenho e fabrica de estuques da directoria de João Grossi, annexa á Real Fabrica das Sedas, e á qual Pombal prestou especial atenção, como o prova o alvará de 23 de Dezembro de 1771, temos entre mãos um pequeno trabalho.

CASAS DE PORTUGAL

tando, os que ladeam o altar-mór, symbolos da Virgem, e os do corpo da igreja, passada a teia — balaustrada de ebano com metaes cinzelados — o *penso do Menino Jesus* e alguma coisa que se relaciona talvez com a vida de S. Roque, silhar que atinge 1^m,60 de altura. Tanto nestes como naquelles azulejos, rodeiam os motivos, pintados a azul, cercaduras polychromas.



PALACIO DE OEIRAS — FACHADA LADO DA CAPELLA

Nas grades que sustentam os parapeitos das pequenas tribunas, vê-se o monograma da Virgem, a toda a altura. Relativamente simples, são de ferro batido e dourado. Sobre estas grades, junto á conta de um dos portões de ferro, feitos para Oeiras pelo serralheiro Guilherme Weingarten, encontrei o que segue:

1762 — Abril, 29. Por outra cancella de ferro que foy para a Quinta á mão esquerda no caminho para Carcavellos, pesou 61 arrobas e 5 arrateis a 160 réis.....	313 ⁷ 120
Por 3 grades para as tribunas da Irmida a preço de 12 ⁷ 800 cada huma	38 ⁷ 400 (1)

(1) Oeiras, 1777 — 2.^o Semestre.

CASAS DE PORTUGAL

Noutra nota que havíamos tomado, sobre grades de tribunas, e que só depois de toparmos com a que fica transcripta pudemos relacionar com as tribunas da capella, está:

A João Wingarde por uma conta de grades das tribunas de Oeiras, mandadas fazer pelo Sr. Francisco Xavier de Mendonça 547560 (1)

E aqui deixamos mais este subsidio para a historia do ferro forjado entre nós, a que demos principio em 1909, no nosso trabalho «Figuras Gradadas», capitulo «Arte Applicada».

.....
JOSÉ QUEIROZ.



JULIO DE CASTILHO

(VISCONDE DE CASTILHO)

FINOU-SE na sua casa do Lumiar, em 8 de Fevereiro de 1919, o escriptor Julio de Castilho, filho primogenito do poeta Antonio Feliciano de Castilho.

E' essencialmente portuguesa a sua vasta obra: — portuguesa pelos assumptos versados, portuguesa pelo espirito que a anima, portuguesa pela vernaculidade impecavel da linguagem. Nalgumas das suas producções, ha traços, esboços rapidos, mas poderosamente suggestivos, da vida dos nossos maiores, como nas *Manuelinas* e em muitas passagens da *Lisboa Antiga*. Noutras, ha quadros completos, magistraes, da vida portuguesa de outros tempos. Leiam-se *A Mocidade de Gil Vicente* (sec. xv e xvi) e os *Amores de Vieira Lusitano* (sec. xviii). Tanto bastaria para justificar este dorido *memento*...

Mas Julio de Castilho é o auctor da *Lisboa Antiga* e d'*A Ribeira de Lisboa*, obras em que o erudito, o archeologo, o poeta e o estylista, numa rara e felicissima collaboração, ergueram á linda cidade do Occidente um imperecivel monumento. Tanto bastaria para que este saudoso *memento* se impusesse, como indeclinavel dever, á nossa Revista...

Importa ainda accentuar que, em Julio de Castilho, a grandeza moral igualava, se não excedia, a grandeza intellectual. Pela nobreza antiga do seu character, pela austeridade nunca desmentida do seu proceder, pela delicada sensibilidade do seu coração, — Castilho foi um português de lei, um bom, um justo, — um santo!

J. P.



A outros illustres cultores dos estudos artisticos e archeologicos arrebatou a morte neste curto praso de tres anos de suspensão da nossa revista. Paul Choffat, José Fortes, José Queiroz e Teixeira de Carvalho receberão da *Terra Portuguesa* as sentidas, embora breves linhas de homenagem e saudade, que os seus trabalhos mereceram.

(1) Expedição, etc. 1778 — Despezas.

CRONICA

LIVROS

Desde Janeiro de 1919, data em que a *Terra Portuguesa*, por circunstancias derivadas da «miseria dos tempos» teve de suspender a sua publicação, alguns bons livros e um certo numero de folhetos vieram até nós enviados por amigos diletos, ou apreciadores da ação nacionalista da nossa Revista. A todos os agradecemos pedindo desculpa da tardia exiguidade dos comentarios com que os acompanhamos.

Exposição Retrospectiva de Ceramica Nacional em Viana do Castelo, por Luiz A. de Oliveira — Porto 1920: — Grosso volume de 200 paginas, acompanhado de um cento de estampas com reproduções fotograficas de peças de faiança, com que o sr. Dr. Luiz Augusto de Oliveira vem enriquecer o capital bibliografico da ceramografia nacional. Como a *Ceramica Portuguesa* de José Queiroz, a que sob certos pontos de vista é claramente superior, este livro consegue fazer-nos compreender a importancia e valor intrinseco desse ramo da arte decorativa entre nós, desde o seculo XVI ao começo do XIX. E' um trabalho que honra a critica artistica portuguesa.

Architettura Regional — S. Miguel, Açores, por Luiz Bernardo L. d'Athaide — Ponta Delgada, 1920: — E' um livrinho de 86 paginas, onde o distinto cultor de assuntos etnograficos reúne documentos acêrca das construções regionaes, populares e eruditas.

Tratado da Cidade de Portalegre, pelo P.^e Diogo Pereira Soto Maior, Elvas 1919: — Devido à generosidade do sr. Torres de Carvalho, o benemerito bibliografo elvense, pôde o sr. Luiz Keil, conservador do Museu Nacional de Arte Antiga, fazer publicar este manuscrito, datado de 1619, que o P.^e Diogo Pereira deixou inedito, e até à atualidade andara perdido. A edição é precedida de um interessante prefacio, onde o nosso amigo e colaborador faz a historia do manuscrito e comenta eruditamente as suas passagens principaes.

Noticia sobre la Ceramica de Paterna, por Joaquim Folch i Torres (Barcelona, 1921): — Enviado pela Junta de Museus de Barcelona, recebemos esta interessante monografia do Director dos Museus de Arte e Arqueologia da capital catalã e secretario da mesma Junta, o ilustre critico d'arte e investigador Folch i Torres. E' um trabalho admiravel, quer pela ordenação e apresentação do material, quer pela documentação grafica de que vem acompanhado. Versa-se nele o problema das origens de um tipo de ceramica catalã cujo fabrico pode localizar-se entre os seculos X e XIV e de que excavações proveitosas realizadas em Paterna e Manisses proporcionaram numerosos e interessantes exemplares.

La Necropoli de Tutugi, por Juan Cabré Aguiló (Madrid, 1920): — E' esta uma das mais importantes contribuições para o estudo da arte iberica que se tem publicado em Espanha. Nele estuda o ilustre investigador D. Juan Cabré, — que depois de se ter ocupado por largos anos de arte preistorica voltou a sua atenção para os capitaes problemas da arte iberica —, dos objetos exóticos ou de influencia oriental das necropoles turdetanas, particularmente da de Tutugi (Galera-Granada). Este trabalho completa os dados importantes que o mesmo autor, de companhia com D. Federico de Motos, nos haviam fornecido sobre a mesma necropole na memoria publicada pela *Junta Superior de Excavaciones y Antiguidades*.

LIVROS

COMISION DE INVESTIGACIONES PALEONTOLOGICAS Y PREHISTÓRICAS

Desde 1919 estão publicadas mais as seguintes monografias :

Paleografia de los Mamiferos cuaternarios de Europa y Norte de Africa, por Ismael del Pan, interessante estudo de paleontologia que constituiu a Memoria n.º 21 das publicações da *Comision*; *El dolmen de la capilla de Santa Cruz (Asturias)*, pelo Conde de la Vega del Sella (Memoria n.º 22); *Las pinturas rupestres del barranco de Valltorta (Castellón)*, pelo professor Hugo Obermaier e Paulo Wernert (Memoria n.º 23); *La caverna de la Peña de Candamo (Asturias)*, (Memoria n.º 24), monumental trabalho sobre arte rupestre do professor Eduardo Hernandez-Pacheco, ilustre chefe de trabalhos da *Comision*; *Estelas Discoideas de la Peninsula Ibérica*, por Eugeniusz Frankowski; *El dolmen de Matarrubilla (Sevilla)*, admiravel estudo sobre distribuição, classificação e arquitetura dolmenica, do professor Hugo Obermaier (Memoria n.º 26); e, finalmente, *El Neolítico de Pavia (Alentejo-Portugal)*, (Memoria n.º 27), do diretor desta revista, Dr. Vergilio Correia.

A obra da *Comision* tem portanto, apesar de contrariedades de toda a ordem, prosseguido, e mais uma vez ha que homenagear-se o saber, dedicação e energia do seu chefe de trabalhos, que tão alto conduziu o instrumento de cultura e divulgação scientifica que em boa hora lhe foi entregue.

JUNTA SUPERIOR DE EXCAVACIONES Y ANTIGUIDADES

Excavaciones en la Cueva y Collado de los Jardines, Madrid, 1917, 1918 e 1919:— Foram tres os fasciculos publicados por esta *Junta* acêrca das explorações realizadas na Cueva e Collado de los Jardines (Santa-Elena-Jaen), consistindo em relatórios dos trabalhos executados nos anos de 1916, 1917 e 1918, por D. Ignacio Calvo e D. Juan Cabré.

Com estas tres memorias e a monografia de Raymond Lantier sobre o *Santuario Iberico de Castellar de Santisteban*, fica esclarecido e documentado todo um aspecto da religião e arte iberica no sul de Espanha. A estupenda coleção de figurinhas de bronze, votivas, encontradas nos dois santuarios é a mais rica da Europa. D. Ignacio Calvo e D. Juan Cabré estudando e divulgando os principaes tipos desses milhares de bronzes, alargaram com um vasto capitulo inedito, a historia artistica pre-romana da Peninsula.

La Necrópolis Ibérica de Tutúgi (Galera-Provincia de Granada), por D. Juan Cabré y D. Frederico de Motos, Madrid, 1920:— E' esta a primeira memoria publicada acêrca das excavações realizadas pelos autores mencionados numa importante necropole pré-romana da provincia de Granada. Essa necropole ficará ocupando dentro da arqueologia iberica, um lugar primacial. A influencia da arte grega é visível em grande numero dos objetos encontrados, e se a Peninsula possuia e conhecia já uma grande cidade grega — Ampurias, fica agora possuindo uma grande necropole onde a arte heleñica se revela intensamente.

Ao lado dos objetos caracteristicamente gregos ou campanienses, apareceram na necropole vasos ibero-punicos, perfeitamente iguaes, na forma, aos descobertos por Santos Rocha em Santa Olaia.

Falta-nos o espaço para um relato minucioso do espolio da centena e meia de sepulturas pesquizadas ou excavadas. O seu estudo interessa porem imensamente a Portugal, onde existem estações contemporaneas importantes, como Alcacer do Sal, Santa Olaia e Conimbriga.

Yacimientos paleolíticos del Valle del Manzanares (Madrid), Madrid, 1921:— Os arredores de Madrid, teem, de ha poucos anos a esta parte, sido objeto de cuidadosas pesquisas da parte dos srs. Paul Wernert, José Perez de Barradas e outros investigadores, que viram coroados pelo mais completo sucesso os seus trabalhos de inspeção. Milhares de objetos paleolíticos foram recolhidos, enriquecendo as coleções particulares e as dos Museus, nas estações arrabaldinas de *Téjar del Portazgo*, *Carolina*, *Casa del Moreno*, *Pozos de Feito*, etc. Está sucedendo em Madrid o que aconteceu nos arredores de Lisboa. As estações paleolíticas abundam de tal modo, que esse ramo de preistoria começa a despertar menos interesse. Já em 1919 os mesmos escritores haviam publicado uma interessante monografia sobre a estação de *El Almendro*. Tanto nesta, como na recente memoria, os dois autores revelam notaveis qualidades de metodo e exposição, conseguindo exgotar completamente os assuntos de que se ocupam. O paleolítico de Madrid encontrou os seus definitivos monografistas.

LIVROS

Nuevos yacimientos paleolíticos de superficie de la provincia de Madrid, por J. Pérez Barradas, —Madrid, 1919:—Nota separata do Bol. da Sociedade Espanhola de Historia Natural, tomo XIX (pags. 212-216), occupa-se um dos autores do anterior trabalho em relacionar as numerosas estações de superficie que descobriu ou percorreu nos arrabaldes da capital espanhola: Cuatro Camiños, Cerro Negro, Vallecas, Cerro de Almodóvar, Rivas, etc. Todas estas estações mostram grande semelhança com a do Cerro de los Angeles (Getafe) onde os cns. Hernandez-Pacheco e Royo encontraram diversas pedrneiras a que atribuíram idade musteriense, o que está de acórdio com as descobertas mencionadas no *Almendo*.

El Cerro del Berrueco pelo P.^o César Moran, (Salamanca, 1921):—O distinto autor das *Investigaciones acerca de Arqueologia y Prehistoria de la region salmantina*, vem aumenar com esta monografia, a série já importante dos seus trabalhos sobre arqueologia salmanticense, ainda tão mal conhecida e explorada e que tanto nos interessa pela proximidade em que se encontra de Portugal.

L'abbé Henri Breuil et son Journal d'Espagne por Camille Pitoulet, Cahors 1921:—Um admirador fervoroso da obra vastíssima do abade Breuil, o sr. Camille Pitoulet, que o conheceu durante o período da guerra trabalhando no gabinete do adido naval francês de Madrid, dá-nos as primicias de um *Journal d'Espagne* que o ilustre professor vai publicar, e que, dado o conhecimento preistorico, etnografico e social que desse país possui, será um dos livros de viagens mais interessantes que ficarão sobre a Peninsula.

PROFESSOR HUCO OBERMAIER

Deste ilustre professor da Universidade de Madrid recebemos os seguintes trabalhos, os mais recentes que publicou: *El cuaternario de las Canteras de Vallecas (Madrid)*, de colaboração com P. Wernert e P. Barradas; *Das paläolithikum und Epipaläolithikum Spaniens*, separata da revista *Anthropos*; *Die Dolmen Spaniens*, separata do *Mitteilungen der Anthropologischen Gessellschaft in Wien*; e *Bronce ibérico representando un Sacrificio*, separata do *Boletim de la Soc. Esp. de Excursiones*.

No *Die Dolmen Spaniens* refere-se o notavel publicista a varios documentos portuguezes de arte neolítica, utilisando-os como elementos de comparação e cronologia. O seu estudo sobre o bronze ibérico vem explicar até certo ponto, o ex-voto que o sr. dr. Eduardo de Freitas descobriu e comunicou ao Congresso Cientifico Luso-Espanhol do Porto.

SOCIEDADE P. DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA

Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia. Vol. I—Fasc. II—Porto 1920.

A benemerita obra a que com dedicação inexcedivel lançou mão o nosso amigo e ilustre antropologo, professor da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, o sr. dr. A. A. Mendes Correia, continua, dentro dos seus por enquanto limitados meios de ação, a concorrer para o levantamento e desenvolvimento dos estudos etnologicos e antropologicos nacionaes. Neste novo fasciculo dos *Trabalhos* encontramos os tres notaveis estudos: *Subsidios para o Estudo Etnologico de Timor*, do sr. major Leite de Magalhães; *Sobre a configuração do Malar*, do sr. dr. A. A. da Costa Ferreira; e *O problema eugenico segundo a moderna genética*, do professor italiano Guiffrida-Ruggeri.

Depois dos trabalhos do dr. Mendes Correia — *Antropologia Timorense e Timorenses de Okussi-Anbeno*, — e do dr. H. ten Kate, o estudo agora apresentado pelo sr. major Leite de Magalhães é o mais valioso publicado acerca da etnologia da população babélica e heterogenea da nossa ilha de Timor. O material recolhido pelo saudoso Fonseca Cardoso e o seu exemplo de dedicação pelo estudo da etnologia timorense não ficaram pois perdidos, visto que o primeiro encontrou um comentarador ilustre no dr. Mendes Correia, e o segundo um digno continuador no sr. major Magalhães.

O estudo que se segue a este, occupa-se da configuração do malar, cujo exame tem sido descuidado pelos especialistas, e nas suas diferentes conformações encontra o sr. dr. Costa Ferreira motivo para considerações que muito interessam ao problema das origens portuguezas.

A contribuição literaria do professor Guiffrida-Ruggeri, catedratico da Universidade de Napoles, incide sobre a possibilidade da modificação das qualidades hereditarias que se encontram no plasma germinal ou seja na transformação germinal da raça por meio dos *factores* que residem nos *chromosomas*.

Segue-se por fim o *Relatorio dos Trabalhos de 1919*, e a lista dos membros que atualmente compõem a Sociedade, 55 socios efectivos, 14 correspondentes e 3 honorarios.

ARTE E ARQUEOLOGIA

UM NUCLEO DE TECIDOS I E II, por D. Sebastião Pessanha
(Lisboa, 1918 e 1919).

A PINTURA A FRESCO EM PORTUGAL, NOS SECULOS
XV E XVI, por Vergilio Correia.

Pedidos á Livraria Ferin.

ESTELAS DISCOIDEAS DE LA PENINSULA IBERICA, por
Eugeniusz Frankowski (Madrid, 1920).

EL NEOLITICO DE PAVIA (ALENTEJO-PORTUGAL), por
Vergilio Correia (Madrid 1921).

Pedidos á COMISION DE INVESTIGACIONES PALEONTOLOGICAS Y PREISTO-
RICAS — Paseo de la Castellana, 70 — Madrid.

UM TUMULO RENASCENÇA — A SEPULTURA DE D. LUÍS
DA SILVEIRA, EM GOIS, por Vergilio Correia. com um
prefácio do Dr. Teixeira de Carvalho.

Pedidos à Imprensa da Universidade — Coimbra.